



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

JÚLIO CÉSAR FAUSTINO

**MEMÓRIAS DA ESCOLA:
ANÁLISE DE RELATOS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS DA UMA/UFT**

**Araguaína - TO
2019**

JÚLIO CÉSAR FAUSTINO

**MEMÓRIAS DA ESCOLA:
ANÁLISE DE RELATOS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS DA UMA/UFT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaia, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

**Araguaína - TO
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- F268m Faustino, Júlio César .
Memórias da escola: análise de relatos de história de vida de idosos da UMA/UFT . / Júlio César Faustino. – Araguaína, TO, 2019.
61 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2019.
- Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva
1. Universidade da Maturidade. 2. Direitos dos idosos. 3. Memória.
4. Preconceito. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JÚLIO CÉSAR FAUSTINO

**MEMÓRIAS DA ESCOLA:
ANÁLISE DE RELATOS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS DA UMA/UFT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaia, sob orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Aprovada em: 29 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Luiza Helena Oliveira da Silva (Orientadora)

Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo
Avaliador 1

Prof. MSc. Tânia Maria de Oliveira Rosa
Avaliador 2

AGRADECIMENTOS

Entrar em uma universidade federal é o sonho de muitos e eu tive essa oportunidade, que muitos não terão por condições adversas da vida. Assim, agradeço a Deus por estar aqui, pois o caminho não foi fácil.

Neste momento final da graduação, é hora de agradecer e relembrar as dificuldades passadas e superadas em certos momentos no decorrer do curso.

Queria agradecer à pessoa que foi meu alicerce de vida, que sempre acreditou mais em mim até mais do que eu mesmo: minha velha mãe que é uma mulher de coragem e sonhos, mulher que faria todas as coisas possíveis nesse mundo e, mesmo sabendo que o impossível é algo sobrenatural, sei que ela tentaria fazer para me ver bem.

Queria agradecer a minha irmã Betânia Faustino, a mulher que supera tudo, é o maior exemplo dentro de toda família e todos os dias mostra que vencer é possível.

Queria agradecer minha orientadora que, antes de qualquer coisa, é uma grande mulher da qual tenho inveja pela coragem, pelo seu empoderamento pelo o conhecimento que transmite com grande prazer, e por não ter desistido de mim.

Queria agradecer à professora Maria Eleuda, que me deu a primeira, a segunda, a terceira, a quarta e a quinta chance nas suas disciplinas. Eleuda é uma professora que, em momentos de fraqueza, não desistiu de mim.

Queria agradecer às professoras do projeto UMA, Fernanda e Domingas, que me receberam com muita atenção no projeto.

Queria agradecer aos alunos da UMA que contribuíram com muito prazer nas entrevistas. Esses alunos me mostraram que a vida não termina na velhice e que pode se viver muito bem e de forma feliz.

A lembrança é a sobrevivência do passado, o passado, conservando se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens- lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios

Ecléa Bosi

RESUMO

Este trabalho fala de memórias de idosos que são alunos do projeto Universidade de Maturidade (UMA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no campus de Araguaína. Nosso objetivo foi analisar as memórias desses estudantes referentes ao período em que estudavam na educação básica. Buscamos, assim, tratar de memórias do tempo da escolarização, a partir das impressões trazidas no presente, quando retornam, já idosos, aos bancos escolares. Inicialmente, trazemos dados sobre a situação dos idosos no Brasil e sobre as ações da UMA em Araguaína. Em seguida, discorremos a respeito da memória para, finalmente, analisarmos depoimentos dos participantes. A pesquisa envolveu entrevistas semiestruturadas com três idosos (duas mulheres e um homem), sendo realizadas no mês de setembro de 2019, no próprio campus. Para análise desses dados, mobilizou-se a semiótica discursiva.

Palavras-Chave: Universidade da Maturidade. Direitos dos idosos. Memórias. Preconceito.

ABSTRACT

This paper speaks of memories of seniors who are students of the University of Maturity (UMA) project of the Federal University of Tocantins (UFT), on the Araguaína campus. Our goal was to analyze the memories of these students referring to the period they studied in basic education. Thus, we seek to treat memories of the time of schooling, from the impressions brought in the present, when they return, already elderly, to the school benches. Initially, we bring data about the situation of the elderly in Brazil and about the actions of UMA in Araguaína. We then discuss memory in order to finally analyze participants' statements. The research involved semi-structured interviews with three seniors (two women and one man), being held in September 2019, on the campus itself. To analyze these data, the discursive semiotics was mobilized.

Keywords: University of Maturity. Rights of the elderly. Memoirs. Prejudice.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	IDOSOS NA SOCIEDADE.....	12
2.1	Aumento da População Idosa do Brasil.....	15
2.2	Políticas e Direitos do Idoso.....	18
2.3	A Experiência Da Uma Na UFT.....	20
2.3.1	Histórico da Uma.....	21
2.3.2	Proposta Pedagógica.....	22
2.3.3	Planos de ação e objetivos da UMA/UFT.....	23
2.3.4	Benefícios proporcionados pela UMA.....	25
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	26
3.1	Memória.....	28
3.1.1	Funcionamento da Memória.....	31
3.1.2	Oralidade.....	32
4	ENTREVISTAS E ANÁLISES.....	34
4.1	Apresentações Dos Entrevistados.....	34
4.2	Nos Tempos De Escola E Da Palmatória.....	35
4.3	O Que Os Levou Para A UMA/UFT.....	39
4.4	Avaliando A Uma.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	47
	ANEXOS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, de natureza de qualitativa, teve como foco pesquisar a respeito de memórias da escola junto a idosos que integram, como estudantes, o projeto da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), no campus de Araguaína. Buscamos saber que experiências esses idosos trazem do tempo da escola básica e como percebem esse novo estágio de aprendizado e interação social.

Esse projeto da UMA desenvolve dentro do espaço universitário projetos sociais, que têm por finalidade melhorar a qualidade de vida dos idosos, contribuindo para que essas pessoas tenham um envelhecimento saudável, a partir de atividades diversas que envolvem arte, cultura, direitos dos idosos, mas, sobretudo, funcionam como lócus de interação social que alia a aprendizagem de novos conhecimentos a uma saudável convivência com pessoas que vivenciam semelhantes dificuldades em função da maior idade.

Segundo Flavell (1999) a memória, assim como os outros processos mentais superiores, como a inteligência e a atenção, são funções que possibilitam ao homem a formulação de estratégias de adaptação ao meio em que vive o ser humano como idoso enquanto houver lucidez vai ser adaptado e capaz a todas as situações propostas do período ou do meio em que vive, o idoso é um ser que possui conhecimento que foi colhido durante os anos por meio de experiências vividas.

Segundo Lent (2001) a memória é mais do que simplesmente a evocação de informações, mas um processo que envolve também aquisição, gravação, conservação e evocação por meio dessa visão de Lent fica evidente a importância de valorizar a memória do idoso e procura valorizar seu conhecimento como uma contribuição social.

Essa monografia se divide em três partes. A primeira intitulada: Idosos na sociedade, e aumento da população idosa no Brasil, será apresentado às situações como o idoso vive e como ele é visto na sociedade, será discutida as leis que prestam auxílio à classe considerada idosa, e a velhice como um processo inerente ao ser humano que se constitui por meio do tempo, e o aumento da população idosa no Brasil que tem grandes projeções futuras.

A segunda parte intitulada: Experiências da UMA/UFT, apresentar-se-á à Universidade da maturidade, a relação entre o aluno e o projeto. Nesta parte será apresentado à metodologia da pesquisa, que será semiestruturada e qualitativa, história oral e história de vida dos alunos UMA, a geração dos dados, o perfil dos entrevistados e o critério de seleção do mesmo. Neste mesmo capítulo será discutido um pouco sobre memórias buscando definições e o seu funcionamento, e a importância da oralidade.

A terceira parte apresentara resultados da pesquisa qualitativa e análise dos dados obtidos, e a contribuição social da UMA a classe de idosos no meio universitário, fortalecendo o papel e a importância do idoso como um ser ativo.

E ao final serão apresentadas as considerações finais relatando o que foi encontrado de mais relevante e discutido durante as pesquisas bibliográficas e de campo. As possíveis contribuições dessa pesquisa estão direcionadas a valorização da memória do idoso como um ser carregado de conhecimentos com experiências vividas durante os anos, e que sempre se dispõe a relembrar fatos que contribui para meio o social, agregando valores essenciais.

2 IDOSOS NA SOCIEDADE

No período atual é bem comum se dirigir a pessoas com mais de 60 anos como idoso ou velho, empregando os termos como sinônimos, mas, diante desses dois termos utilizados, faremos distinção. Rozendo e Justo mostram como esses dois termos são vistos nos meios sociais:

De um lado temos a imagem do velho ocioso, sedentário, sentado em uma cadeira de balanço, usando pijama e pantufas, carregando no rosto marcas do tempo. Do outro lado, a imagem do idoso atarefado, trajado com roupas de ginástica, agitado, completamente estereotipado com os signos da juventude. (ROZENDO; JUSTO, 2011, p. 149)

A referência dada acima aos termos designando a pessoas com mais de 60 anos não está ligada à questão física e biológica, mas a atitude do sujeito quanto ao modo de viver, pois, como vimos, o termo velho é usado para fragilizar e atribuir tratamentos pejorativos a pessoas com certa idade, que já não têm tanta vitalidade para praticar ou fazer partes de grupos de interação, enquanto o termo idoso é usado para classificar pessoas da mesma faixa etária mas de algum modo ainda ativas socialmente.

Leite e Araújo (2017) discorrem que a utilização do termo idoso não mudará a visão social preconceituosa em relação à imagem frágil do ser. Baseado em seus estudos, Roberta e Socorro (2017) chegam à conclusão de que o termo mais qualificado para se referir aos velhos seja velho mesmo, pois ser velho é um processo biológico recorrente e contínuo de todo ser vivo. Defendem, porém, que o termo idoso seja privilegiado nos documentos oficiais, como já é feito, para classificar e garantir direitos a pessoas que chegam à faixa etária de 60 anos. Sob essa perspectiva, empregaremos neste trabalho o termo idoso.

Rozendo e Justo relacionam as expressões terceira idade e velhice, comentando os sentidos que são agregados a essas palavras:

O termo velhice serviria para designar um período da vida de retraimento frente à pobreza, à dependência e à passividade. Tal denominação retrata o ancião como doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo Estado. Já o termo terceira idade, designa idosos ativos, inclusive sexualmente, aptos a desafios, e novas experiências, com poder aquisitivo suficiente para driblarem os estigmas e os sinais estéticos do envelhecimento. (ROZENDO; SOCORRO, 2011, p. 146)

A velhice surge então como uma categorização disfórica do sujeito, relacionado ao abandono, à pobreza, à passividade, à decadência física e à solidão, enquanto a opção por falar em terceira idade aponta para sentidos outros. No

contexto da UMA, a opção recai pelo substantivo “maturidade”, que agrega sentidos positivos, desfazendo o mal-estar da velhice.

No caso da sociedade brasileira a situação do ser idoso não apresenta efetiva políticas em prol desse público, muitas vezes as condições mínimas de sobrevivência não são garantidas. Segundo Oliveira (1999, p. 27) “a maior parte dos números de idosos sofre com estereótipos da velhice e fatores sociais como a negligência em relação ao seu direito de idosos”.

Pessoas com idades que as encaixam nesse grupo classificado como idosos lutam por preceitos básicos de ser humano, como respeito, dignidade, salários justos, aposentadoria e mais condições que lhes proporcionem uma vida estável, porém o que se nota é um forte descaso frente ao idoso, e isso se torna um preconceito que se une com a decadência social e econômica que os torna excluídos socialmente.

Pessoas idosas pobres, sem as condições necessárias e dignas de viver, desejam para si a possibilidade de serem reconhecidas pelo que foram e pelas coisas com que contribuíram durante parte da sua vida. Bosi (2006) fala em sua obra que a sociologia busca observar o idoso como um ser que tem papéis e funções sociais dentro do contexto social, e que podem se constituir ativamente como um ator social, com a capacidade de lidar e lutar pelos seus direitos e motivar-se para ter seu reconhecimento e condições de dignas de viver. Esse preconceito é denominado, conforme Couto, Novo e Soares, como “ageísmo”, com o sufixo –ismo trazendo o caráter negativo (2009).

As questões biológicas interferem em certas atividades em relação ao idoso como agilidade e dificuldade frente a novas tecnologias de interação. Essa dificuldade não o torna inútil e nem incapaz em relação a produzir e executar atividades requeridas, contudo o idoso é visto no contexto social como um incômodo por não ter habilidade e flexibilidade juvenis. Para Beauvoir, “são as classes que estão e detém o poder que impõe sobre o ser idoso regimentos, e a partir desse regimento sobre esse ser, as pessoas ativamente se tornam coautores dessa visão preconceituosa” (BEAUVOIR, 1990, p. 265).

O atual período traz consigo uma grande conquista que é o envelhecimento populacional, pois alcançar idades avançadas deixou de ser privilégio de minorias. Opondo-se a essa conquista, inexistem políticas de amparo aos idosos.

Como afirma Oliveira (1999 p. 46), “um aspecto marcante é o da ansiedade e impaciência características da sociedade atual. Diante dessa neurose da velocidade, torna-se incompatível e até perda de tempo aceitar um ritmo mais lento por parte dos idosos”. Em uma sociedade que é marcada obsessivamente pela obtenção de lucros rápidos, o idoso é taxado como um encaço nesse meio produtivo. Para Bosi (2006, p. 77), "a sociedade industrial é maléfica para a velhice".

A partir dessa visão da sociedade, o idoso se encontra em uma situação social difícil para sua autoafirmação.

Mesmo com as inovações e avanços tecnológicos e sociais, o idoso sofre com problemas que não foram solucionados, como a miséria e exclusão. De acordo com Silva (2003, p. 96), “O estatuto da velhice é imposto ao ser humano pela sociedade à qual pertence, sendo influenciado pelos valores culturais, sociais, econômicos e psicológicos de uma sociedade que determina o papel e o status que o velho terá”. Nesse sentido, é importante desatrelar a velhice da perspectiva da natureza para a dimensão histórica e social, pois, conforme Bazo (1996, p. 31), “a velhice, mais que um conceito biológico, é uma construção social”.

Assim, se pensarmos que a velhice seria o momento destinado para o sujeito descansar e usufruir de sua vida com dignidade, muita coisa deveria mudar.

Para Bosi (2006, p. 81), "a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra" e, por consequência disso, cabe a ele o esquecimento, o apagamento. Ainda, de acordo com a autora, a única função que lhe é por vezes reconhecida é “a de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 2006, p.82).

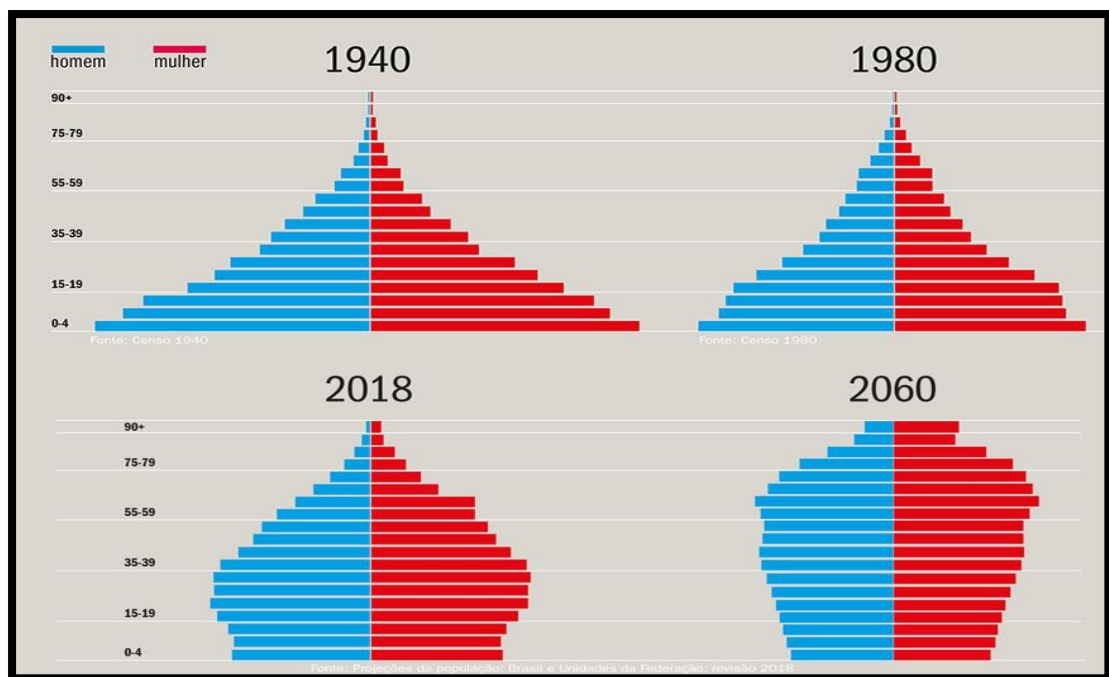
A aposentadoria, segundo Beauvoir (1990, p. 325) “introduz uma radical descontinuidade; há ruptura com o passado; o homem deve adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz certas vantagens, mas também graves desvantagens, como o empobrecimento, desqualificação”. A perda da função social do idoso mediante seu afastamento do mercado de trabalho não ocorre somente na sociedade produtiva que exige sempre inovações e contribuições, mas também dentro da família, onde o idoso os familiares não dão importância à história de vida, às conquistas e benefícios de todo o trajeto construído pelo idoso, mesmo quando continua sendo este o provedor da família.

Diante desse quadro, envelhecer é sinônimo de sofrimento e condenação.

2.1 AUMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA DO BRASIL

O envelhecimento é um reflexo mundial do aumento da expectativa de vida. No Brasil, essa população vem crescendo de forma rápida. Estatísticas comprovam esses números e mostram uma nova necessidade de políticas sociais para abranger de forma integral esse público.

Gráfico 1: Mudanças Demográficas no Brasil.



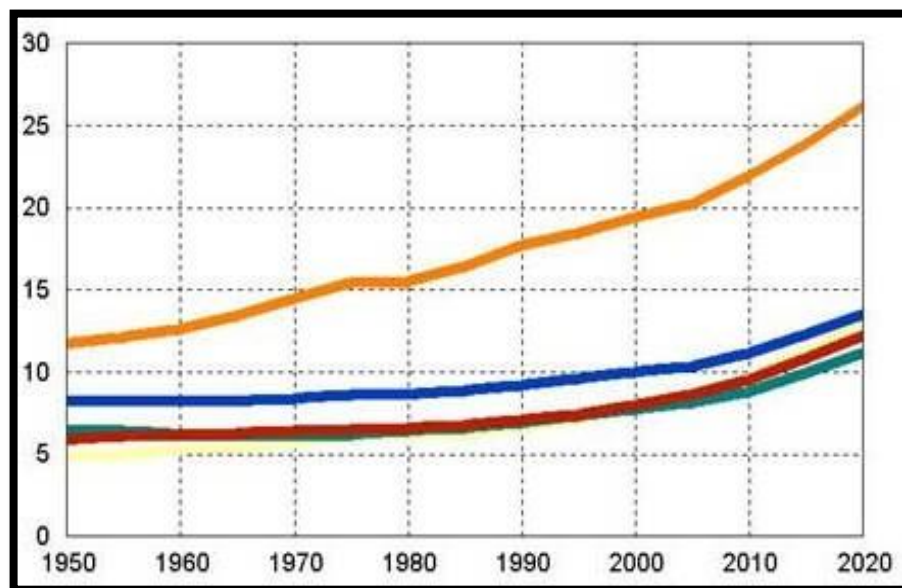
Fonte IBGE: 2010 www.ibge.gov.br

O gráfico acima mostra as transformações demográficas no Brasil com relação à faixa etária. Entre os anos de 1940 e 1980, as estatísticas mostram que, durante esse período, as mudanças demográficas pouco sofreram alteração em relação à expectativa de vida. De 1980 a 2018, somam-se 38 anos e já se vê uma mudança relevante, na pirâmide etária, mostrando que a expectativa de vida aumentou consideravelmente. Há fatores que contribuem para que esse índice cresça, como a transição das pessoas da zona rural para a zona urbana, o que lhes permite um acesso mais fácil à saúde e saneamento básico, que favorecem para a melhoria de vida. Não se verifica nos dados diferenças consideráveis entre homens e mulheres, que se fazem notar mais explicitamente nas projeções para 2060, quando aparece a maior longevidade feminina. Assim, de um país majoritariamente jovem, como se configurava nos anos 40, temos no presente com as projeções para

o futuro que aumenta a população de idosos, aproximando o Brasil das configurações de países desenvolvidos.

O aumento da faixa etária é um fenômeno mundial e isso traz um novo tema para o meio científico, que desde o ano 1990 estuda esse fenômeno da longevidade. Traremos no gráfico a abaixo porcentagens da população mundial acima dos 60 anos.

Gráfico 2: População Com Mais de 60 Anos, % da População Total.



Azul = Mundo

Laranja = América Latina

Vermelho = Países Mais Desenvolvidos

Verde = Países Menos Desenvolvidos

Fonte: Organização das Nações Unidas, 2016.

O gráfico acima mostra que países da América latina, como o Brasil tiveram aumento significativo na expectativa de vida entre os anos 1950 a 2020 que somaram 70 anos, e um aumento aproximadamente de 15% de idosos acima de 60 anos. Enquanto países mais desenvolvido e menos desenvolvido sofreram poucas alterações demográficas.

Com essas mudanças de ordem demográfica, o governo atual responde com a criação de uma nova reforma da previdência para aposentadoria estabelecendo idades mínimas de 62 para mulheres e 65 para homens, justificando para isso a necessidade de maior tempo de contribuição. Não há, contudo, proposta alguma de amparo ao idoso, que, em alguns casos, não poderá contribuir até a idade mínima exigida para a aposentadoria, seja ela por

falta de trabalho ou mesmo condição física. A revista *Carta Capital* (2019), em entrevista com Frisa Kalache, que foi presidente da Organização Mundial de Saúde, OMS, por 13 anos, e é atual presidente do Centro Internacional de Longevidade do Brasil, CILB, fala que o trabalho por mais tempo deve ser algo pensado a longo prazo, o que não se dá pelo modo como o governo atual está fazendo. Segundo pesquisa feita pela consultoria Deloitte, ao analisar mais de 11 mil empresas no mundo, obtiveram-se dados de que metade delas não tem planos de carreira para pessoas que atingem a idade de 55 anos. Outro ponto importante que a revista traz é a pesquisa de Prouet e Pousselon de que o assédio moral por idade e discriminação por gênero são os principais motivos de denúncias dentro do mercado de trabalho.

Fatores como citados acima só contribuem para o agravamento da desigualdade social, que terá como efeitos a pobreza, o descaso, o abandono. Essa nova fase do ciclo da vida caracterizada como a velhice, se for tratada por políticas como uma nova etapa da vida e não como uma fase de degeneração de um grupo social, pode trazer mudanças significativas para a sociedade. Isso, porém, é algo ainda muito distante de se ver em uma sociedade marcada que despreza o passado e vê com maus olhos o envelhecimento, como expressa Magalhães.

A sociedade contemporânea oferece pouca oportunidade ao idoso para exercitar e ativar a lembrança, instrumento e conteúdo fundamental de seu diálogo com as demais gerações. Indispensável também à formulação de seu pensamento. O que foi produzido no passado não tem interesse hoje e possivelmente será destruído amanhã. O ciclo permanente de produção e de consumo exige incessantemente a destruição e o desaparecimento do que foi produzido no passado e a criação permanente de novas formas de produção e consumo. (MAGALHÃES, 1989, p.18)

A nova sociedade que se constrói no período industrializado e tecnológico traz consigo grandes mudanças em relação ao consumo e utilidade do ser humano. É bem notável que nesse meio a desvalorização e o preconceito em relação ao idoso e a velhice sejam intensificados, considerando os idosos sob a dimensão do desinteresse, que empurra o idoso para um lugar sem visibilidade, descuidando de suas contribuições, que não são lembradas e nem requeridas pelas novas gerações.

2.2 POLÍTICAS E DIREITOS DO IDOSO

A população brasileira tem envelhecido e isso altera a questão demográfica brasileira, que requer mais postura do Estado. Com as mudanças demográficas, torna-se inevitável um enfrentamento dessa questão social tão importante para o crescimento e desenvolvimento do país, mas também para dar mais direitos fundamentais e essenciais ao idoso.

A existência do Estatuto do Idoso (2003) é essencial para a garantia dos direitos do idoso e respeito perante todas as esferas de poder e classe, pois esse documento não o caracteriza ou define como um fardo social, mas o coloca como parte da sociedade e como um ser ativo e com direitos e cuja condição física constituída através dos anos o faz merecedor e beneficiário de garantias individuais a sua classe.

Em outubro de 2003, foi promulgada a Lei 10.741, intitulada Estatuto do Idoso que, em seus diversos artigos, assegura e permite direitos aos idosos em todas as áreas sociais. No 1º artigo, já traz o compromisso e dever do estado com os direitos assegurado pelo estatuto a pessoas com faixa etária igual ou superior aos 65 anos. O estatuto foi criado a fim de garantir ao idoso os direitos à dignidade humana, à dignidade de ser um ser social vivo e pensante diante da sociedade. Possuem grande alcance sobre aspectos, envolvendo condições psíquicas, financeira, físicas, sociais e educacionais.

O artigo 2º dessa lei trata especialmente da questão da dignidade humana:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando sê-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 2003, p.11)

O estatuto garante direitos aos mais velhos, mas nem sempre, na prática, esses direitos não são respeitados e nem implementados completamente. Para uma mudança em relação aos direitos do idoso, são necessárias cobranças ao governo e órgãos que fiscalizam a implementação, e então só dessa forma a uma garantia de cumprimento dos direitos garantidos pelo estatuto. Outra questão recorrente no não cumprimento dos direitos dos idosos, está á falta de

conhecimentos profissionais nas áreas públicas e físicas que fazem a interação e atendimento a classe idosa, dessa contribuindo para um maior descaso social ao idoso. Conforme Santos, a própria existência do estatuto pressupõe o desrespeito aos idosos e, como busca expor em seu artigo, a lei não consegue coibir a continuidade do delito:

Assim, a defesa dos direitos dos mais velhos se dá pela constatação do desrespeito nas práticas cotidianas. A afirmação do novo, nesse caso, faz ecoar um discurso outro, anterior, já legitimado e aceito, reproduzindo, nesse confronto polifônico, outras vozes de poder na sociedade. (SANTOS, 2013, p. 257)

A criação desse estatuto, porém, mostra uma mudança em relação à legislação até então existente, tornando-o como um exemplo, já que deu traços singulares a um sistema de autoproteção dos que são contemplados como sujeitos da terceira idade. Para Zanata (2005, p. 46), “o estatuto traz uma compreensão e lucidez para o idoso no país, e que a partir dessa compreensão o idoso pode se embasar, e se assegurar e reivindicar direitos garantidos”.

Após 16 anos da criação dessa lei, resta saber se a visão de preconceito quanto a essa classe teve redução, pois a história do ser humano retrata que a lei sozinha não é insuficiente que os sujeitos mudem a si mesmos, cabendo também uma ação educativa. Como fala Freire (1987, p. 87), “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transforma o mundo”. Nesse sentido, acreditamos que somente a educação tem a capacidade de moldar valores sociais que permitam transformar-se em comportamentos mais solidários.

A obrigação do Estado com o idoso é assegurada pela lei. O descumprimento e omissão com esses deveres dos idosos, algo muito comum diariamente no Brasil, pode acarretar medidas rigorosas por parte do Ministério Público, órgão que tem a responsabilidade de garantir o cumprimento das leis. Isso nos mostra a obrigação dos órgãos públicos e não públicos com a efetivação das políticas e proteção em prol do idoso, pois a consolidação desse estatuto impõe o dever de toda a sociedade de participar de sua efetivação. Os dados de 2018 mostram que seguimos na direção contrária, com o aumento significativo da violência contra o idoso, conforme anuncia Augusto, no portal MetrÓpole:

O Disque 100 — canal de denúncias do governo federal — recebeu 37.454 denúncias de violações contra a pessoa idosa em 2018. Os números

representam um aumento de 13% em relação ao ano anterior. Em média, foram 102 casos de violência contra o idoso por dia no período. O balanço divulgado pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos revela que em 2018, 52,9% dos casos de violações contra pessoas idosas foram cometidos pelos filhos, seguidos de netos (com 7,8%). A casa da vítima o local com maior evidência de violação, 85,6%. (AUGUSTO, 2019, s/p)

Os dados trazidos por Augusto evidenciam que a família atua como principal agente de violência contra essa população. Além disso, a educação direcionada à classe idosa deixa a desejar bastante. A carência de programas sociais de alcance mais amplo só leva essa classe ao declínio absoluto.

É necessário à construção de um sentimento conscientizador para criar uma nova imagem da velhice, e que essa seja algo positivo, e que a classe idosa não seja apenas uma referência a conhecimentos obtidos pelo tempo, mas que seja visto como um ser ativo, disponível e hábil ainda para novos desafios e experiências de aprendizados, dessa forma o idoso possa ter uma identidade por sua classe, e não só pela sua particularidade de ser idoso. O idoso não é um sujeito do passado, mas do presente.

2.3 A EXPERIÊNCIA DA UMA NA UFT

A primeira escola aberta para a terceira idade do Brasil foi fundada no ano de 1977, pelos técnicos do SENAC São Paulo, e serviu de base para os programas de universidade aberta a terceira idade do modo como estão hoje constituídos. Este projeto é uma proposta pedagógica, voltada à melhoria da qualidade de vida da pessoa adulta e do idoso e visa à integração dos mesmos com os alunos de graduação, identificando o papel e a responsabilidade da universidade em relação às pessoas de terceira idade. Dentre as instituições públicas e privadas, as universidades parecem ser no momento as mais adequadas e capazes de estruturar-se para responderem às necessidades específicas para pessoas acima de 45 anos, tais como o desenvolvimento de atividades físicas, culturais e sociais.

Estudo referente à problemática do envelhecimento tem atraído inúmeras áreas do conhecimento, por isso diversas universidades estão investindo nos trabalhos direcionados às pessoas com mais de 45 anos que estavam à margem da sociedade, em um mundo onde a segmentação tende a separar as crianças, jovens e idosos em atividades e locais quase sem comunicação. Há uma necessidade de

se gerar conhecimento local sobre a maturidade, partindo do pressuposto de que há especificidades que particularizam a experiência do envelhecimento nas diversas localidades do país e se distingue entre países pobres ou desenvolvidos.

O trabalho realizado com este projeto significa uma alternativa para as pessoas adultas que a sociedade exclui, numa fase da vida em que detém experiência acumulada e sabedoria. É um espaço de convivência social de aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo, na tomada de consciência da importância da participação do idoso na sociedade enquanto sujeito histórico.

O projeto Universidade da Maturidade conjuga atividades em três áreas de atuação das universidades. Ensino, pesquisa e extensão voltados para o cuidado do idoso, possibilitando a criação de alternativas inovadoras com interações sinérgicas entre produção e conhecimento, formação e aperfeiçoamento de recursos humanos e prestação de serviços, enfim, é a valorização do idoso como cidadão.

2.3.1 Histórico da UMA

A Universidade da Maturidade no Tocantins tem início por meio da Professora Neila Barbosa, professora titular da UFT que, no ano de 2006, elaborou o projeto com intuito de criar um lugar que proporcionasse a inclusão e interação de velhos nas instituições de ensino superior na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A Universidade da Maturidade – UMA – iniciou-se como projeto de extensão e atualmente se configura como programa de extensão de maior visibilidade na UFT, com ações estendidas também ao ensino e à pesquisa. Está vinculada ao curso de Pedagogia de Palmas e tem sede na capital. O curso oferecido pela UMA tem duração de 18 meses e se divide em módulos, que juntos totalizam 1080 horas. Ao final do curso, é feita a formatura dos alunos, quando recebem diploma de *Educador do Envelhecimento Humano*.

A UMA é pioneira no estado do Tocantins e tem sede própria no campus da UFT em Palmas - TO funciona em 11 polos, sendo 7 no *campus* da UFT, que estão nas cidades de Araguaína, Arraias, Gurupi, Miracema, Palmas, Porto Nacional, Tocantinópolis e três em outros municípios- Brejinho de Nazaré, Miranorte, Tocantínia. Além dessas cidades, a UMA tem parceria com a escola Calsidiva, na

cidade de Campina Grande-PB. Todas essas instituições durante seus anos de trabalho já formaram 1051 estudantes.

A Araguaína o implanta o projeto com abertura do edital, com início de suas atividades no final de 2012. Foram então matriculados 140 alunos na primeira turma da UMA/Araguaína. O corpo docente é formado por professores da UNITINS cedidos pelo estado, que contribuem a efetividade e excelências do projeto. Além dos profissionais da educação cedidos pelo o estado, a UMA promove varias participações de profissionais de outras áreas como, médicos, enfermeiro, assistente social. Antes da adoção do projeto UMA, o campus de Araguaína contava com um projeto na mesma direção denominado UNIENVA – Universidade do Envelhecimento, coordenado pela pedagoga e professora do Curso de Letras, Dra. Mara Cleusa Peixoto de Assis Rister.

2.3.2 Proposta Pedagógica

Informações obtidas junto à coordenação da UMA-UFT/Araguaína expressam que as atividades pedagógicas do projeto se orientam pela “pedagogia do prazer”. Esses dados foram obtidos por material impresso oferecido pela coordenação, mas sem referência bibliográfica. Não sabemos se faz parte de um projeto pedagógico. Na página da UMA na homepage da UFT, não encontramos referência a essa orientação pedagógica (Cf. <http://www.uft.edu.br/uma/>).

Conforme o documento disponibilizado, o objetivo principal da pedagogia do prazer é a satisfação de apreender por apreender, sentir com sabor o conhecimento e, assim, ir descobrindo a própria identidade, a vocação, uma causa para se dedicar e viver, um sentido existencial para se auto compreender. A pedagogia do prazer é uma metodologia de educação que visa à satisfação, o deleite. Trabalha com o princípio da espontaneidade e da participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, nela se desenvolve o gosto pela busca do conhecer por meio do desenvolvimento de trabalhos motivacionais.

O aluno neste processo é levado a se perceber como um agente de seu próprio aprendizado. O conteúdo das aulas é voltado para a experiência de vida, do dia a dia, e para a perspectiva do mercado de trabalho. Não existe preocupação com provas avaliativas. Na pedagogia do prazer nada é imposto. O desejo de se

comprometer vem do estímulo e do incentivo de se buscar um alinhamento entre a vontade interna com o já construído externamente

A pedagogia do prazer desenvolve a autoestima dos alunos, pois eles passam a perceber que fazemos melhor aquilo que nos fala ao coração e nos dá um sentido, um destino para seguir. Este tipo de abordagem pedagógica não estimula a competitividade, mas a cooperação. Assim, o contato humano fica sendo priorizado, ficando em segundo lugar a tarefa que deve cumprir. O interesse de se focar mais no processo de se fazer do que no resultado propriamente dito, para além da produtividade, a pedagogia do prazer visa o lúdico, o gostoso, o saboroso como estratégia de aprendizagem.

A educação emocional é o alicerce sobre o qual se assenta a pedagogia do prazer. Em nenhuma atividade humana é possível ter sucesso sem uma forte carga de emoção, e o prazer é uma das nossas mais fortes emoções. Piaget (1985), comenta em sua obra *Psicologia e Pedagogia*, que a efetividade é a energia da ação, e que sem motivação e interesse fica comprometida a aprendizagem, sem prazer não há escola boa.

A educação emocional propicia o aconchego, o carinho, o abraço, a descoberta, que o caminho é mais importante que a chegada. Cria um ambiente acolhedor e de confiança, onde se pode expressar emoções e desejos, possibilitando o resgate da alma infantil, da vontade do lúdico, do desejo do encontro efetivo com o outro, incentiva a acreditar que se pode resgatar o gosto pelo apreender a apreender, pelo apreender a fazer e principalmente pelo apreender a ser.

2.3.3 Planos de ação e objetivos da UMA/UFT

A política de atendimento da UMA à vida adulta e ao envelhecimento humano tem por missão desenvolver uma abordagem holística, com propriedade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, concretizando, desta forma um verdadeiro desenvolvimento integral dos alunos, buscando a uma melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania.

Valorizar a experiência do aluno e despertar seu interesse em retomar o ser produtivo nele adormecido, dentro do entendimento de que a vida vitoriosa não pode estar apartada deste segmento da população. Cursos de extensão, especialização e

reciclagem, visando, inclusive sua reinserção no mercado de trabalho, devem ser preocupações constantes. Privilegiar o exercício do pensamento e a permanente atividade como sendo o segredo da harmonia e bem-estar.

Procura-se resgatar as atividades lúdico desportivas direcionadas para este público alvo, trabalhando dentro dos limites de cada um, independente de idade, contribuindo para o amadurecimento de sua identidade e integração enquanto pessoa. O cuidado com a saúde dos alunos possibilita a elaboração de suas perdas por meio das vivências propostas, ampliação do conhecimento das transformações de seu corpo e constantes reivindicações de direitos fundamentais na área de saúde, propondo alternativas às políticas públicas vigentes.

Compreende atividades artísticas culturais, exercitando permanentemente o potencial criativo e o poder imaginativo, a fim de possibilitar a formulação e a descoberta de todos os, sempre atento ao momento histórico em que vive e antenado com as novas gerações, propiciado pelas experiências inter-geracionais. Objetiva ainda tornar presente a dimensão ecológica por meio de uma abordagem ordenada da questão, baseada na formação de sociedades justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si a relação de interdependência e diversidade cultural e ecológica, buscando harmonia entre os seres humanos.

Os objetivos da UMA são de grande importância para o ser humano que vai se aproximando da idade classificada como idosa. Define como objetivo geral contribuir e melhorar os níveis de saúde física, mental e social das pessoas dessa classe. Como objetivos secundários pretendem consolidar o compromisso social e político da universidade com a sociedade; democratizar o saber, possibilitando às pessoas adultas e idosas o acesso à universidade, resgate da cidadania e do desenvolvimento do espírito de convivência; despertar nos alunos a consciência da responsabilidade social, motivando-os a assumir uma presença efetiva nas organizações da sociedade civil e movimentos sociais.

A UMA tem como princípio executar o projeto com alto padrão de ética, voltado para a consciência, credibilidade e transparência, ter sempre presente o entusiasmo, pois é a garantia de retorno materiais e espirituais, pois com esses pilares a UMA se consolida como algo essencial e contribuinte na vida daqueles que a integra.

2.3 4 Benefícios proporcionados pela UMA

A UMA trabalha com socialização, organização grupal, atividades ocupacionais, educacionais, culturais e de lazer. Busca resgatar a cidadania por meio da transmissão de conhecimento e mediante atividades de lazer e terapia ocupacional. Além disso, pode proporcionar complementação da renda através de ocupação remunerada com reduzida jornada de trabalho, através de projetos voltados para a tecnologia social embasada numa economia solidária.

Realiza cursos e palestras abordando diversos temas de interesse mais imediato dos estudantes idosos. Esses idosos podem concorrer para vaga de aluno especial nas vagas remanescentes dos cursos de graduação da UFT, a bolsas de 50% no Centro de Idiomas da UFT nos cursos de inglês, francês, italiano, alemão e espanhol. Tem ainda parceria com o SINE (Sistema Nacional de Emprego) para possibilidades de ocupação profissional.

Promove ações integradas entre adultos, idosos, crianças e adolescentes, na transmissão de conhecimentos e na troca de experiências buscando a harmonia intergeracional, dentro de uma abordagem sistemática da questão, em que a interdependência entre as gerações se torne uma necessidade natural. Ressalta-se ainda o estabelecimento de convênios com as alternativas de serviços, promoções culturais e atendimentos disponíveis de interesse para os alunos da UMA. Estes serviços, de acordo com informações no documento apresentado, serão realizados diretamente pela UFT, por meio do apoio financeiro da bancada federal do estado do Tocantins, ou através de parcerias com entidades governamentais e não governamentais.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista (FLICK, 2004). Conforme Flick (2004), a pesquisa qualitativa compreende a apropriabilidade de métodos e teorias; a diversidade de participantes e perspectivas; o comprometimento com a reflexão por parte do pesquisador; a variabilidade de abordagens e métodos. Nesse sentido, a pesquisa envolveu observação, entrevistas subsidiadas pela metodologia da história oral, aliados à pesquisa de natureza bibliográfica.

Foram gerados relatos a partir de entrevistas semiestruturadas, gravadas no celular e posteriormente transcritas para análise. Os participantes da entrevista fazem parte do projeto Universidade da Maturidade/ UFT Araguaína. O critério para escolher os entrevistados foram o da disponibilidade de tempo e interesse em participar. A entrevista teve o objetivo de tocar em questões da memória, em lembrar o período de escola e como a UMA contribui para sua vida atual.

A técnica da história oral consiste na narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. É um recurso usado para a elaboração dos registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. História oral, é difícil defini lá em poucas palavras, pois se trata de uma prática dinâmica e criativa. Então traremos o conceito de Meihy que vai falar sobre a técnica oral:

É um recurso modernos usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história. (MEIHY2005, p. 13).

Fica evidente conforme sinaliza a citação, que a história oral é muito mais que um recurso, é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração do projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. Na história oral, o projeto prevê, planejamento da condução das gravações, análise, autorização dos sujeitos entrevistados para uso e publicação das entrevistas, entre outros cuidados.

Após a transcrição das entrevistas, as informações serão analisadas por meio de inferências, interpretação e análise discursiva. As entrevistas qualitativas, no que diz respeito à sua estrutura, podem-se classificar em estruturadas, não-estruturadas e semiestruturadas. Para o presente estudo foi elaborada uma entrevista

semiestruturada. Pardal e Correia (1995), discorre que na entrevista, pretende-se que o entrevistado seja capaz de exprimir as suas emoções, de partilhar as suas experiências e memórias, de fornecer informação sobre o seu sistema de valores, atitudes e emotividades, e que seja capaz de falar sobre a percepção e interpretação que faz de um acontecimento.

A entrevista é um dos instrumentos essenciais para a coleta de dados dentro da perspectiva das pesquisas qualitativas, é uma das principais técnicas de trabalho. Segundo Rosa e Arnoldi, a entrevista:

É uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo. (ROSA; ARNOLDI, 2008, P. 16)

A importância de construir certa intimidade e segurança com o entrevistado é essencial segundo Rosa e Arnoldi (2008, p. 19), “É importante que o entrevistador crie uma boa relação com o entrevistado, relação essa que deverá centrar-se essencialmente na cordialidade”. Para Bogdan e Biklen, (1994 p. 134), a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”, esta técnica é essencialmente utilizada no campo das Ciências Sociais e Humanas, deve ser utilizada para obter dados mais específicos sobre uma determinada realidade.

De acordo com Almeida e Freire (2003) a metodologia qualitativa assenta na busca da globalidade e da compreensão dos fenômenos, estuda a realidade sem a fragmentar e sem a descontextualizar, ao mesmo tempo em que se parte, sobretudo dos próprios dados, e não de teorias prévias, para os compreender ou explicar.

Para Ribeiro (2008) O estudo qualitativo, é, tendencialmente denominado de pesquisa de campo, pois confere ao entrevistador a possibilidade de estar em contato direto com o seu objeto de estudo, e de atuar no local onde este se desenvolve. O investigador procura conhecer a perspectiva dos inquiridos e, a partir das suas respostas, faz uma análise do que foi dito. As autoras Ludke e André (1982) em sua obra “Abordagens Qualitativas” dão as características básicas da pesquisa qualitativa. A primeira característica diz respeito ao ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a

situação que está sendo investigada. A segunda característica é que a coleta de dados é predominantemente descritiva, e que o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações acontecimentos.

Thompson em sua Obra Voz do passado onde traz contribuições para que se possa ter êxito em uma entrevista, mostra caminhos que se deve trilhar:

Interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles, a capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles, e acima de tudo disposição para ficar calado. Quem não consegue parar de falar, nem resistir a tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. (THOMPSON, 1998, p. 258)

A neutralidade em uma entrevista é algo essencial para conseguir bons resultados Thompson (1998) propõem que se deve evitar perguntas diretas, se você apresentar suas próprias opiniões, logo no início da entrevista, será mais provável que se obtenha respostas que o informante considera que você gostaria de ouvir, e que por isso, não serão confiáveis, e poderão ser duvidosas como evidências. Tocar sobre questões do passado pode trazer lembranças de momentos dolorosos ao entrevistado, e se esse momento acontecer Thompson (1998, p. 269) recomenda que “de lhe um apoio generoso, como faria a um amigo”.

3.1 MEMÓRIA

Partindo da problemática que se presencia no período contemporâneo, sobre a questão do velho na sociedade e a sua relevância, faremos um estudo sobre a memória do velho que possui acúmulo de conhecimento, que se obteve por meio do tempo, Bosi (2006, p. 39) fala que “a memória é cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” e Thompson (1998, p. 195) cita que “a memória é acumulação de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis”. Pensando nessa valorização de relatos de memórias de idosos, que quando relatam o permite viver novamente o passado. Reviver é estimular as funções cognitivas, Bosi (2006, p. 81) relata a “lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito, ou seja a lembrança tem que ser de fato estimulada, a ser contada.

No artigo “Um programa de Estimulação Cognitivo” apresentado no congresso internacional de envelhecimento humano, traz dados importantes da estimulação cognitiva, que em idosos apresenta resultados surpreendentes. Há conclusão é, que se estimulado o idoso vai ser condicionado a um envelhecimento saudável e

interativo. Será mostrado alguns dados do benefício de se estimular e valorizar a memória do idoso como mostra as autoras:

Ao compararmos a avaliação pré-avaliação e pós-subjetiva da memória, o percentual caiu de 66,67% para 53,33%, aumentaram de 20% para 33,33% os que não apresentavam problemas de memória e mantiveram-se em 13,33% os que apresentavam problemas moderados de memória. (KAREN; SILVA; IRENE, 2015. P. 8).

A pesquisa feita por meio da estimulação de memórias de idosos traz dados significantes para a saúde mental, que justifica tanto a importância de lembrar a memória, não só como fonte de conhecimento, mas também como saúde, Thompson (1998), também explana sobre a importância de lembrar a própria vida, fala que é fundamental para nosso sentimento de identidade, e que essas lembranças podem fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança.

A velhice é uma das fases que constitui o ciclo da vida que o homem está condicionado a passar por várias mudanças gradativas que é da natureza humana. Como cita Laranja (2004, p. 39) "envelhecer faz parte da natureza humana, e é um processo inexorável. Não há demérito algum nisso, o desfrute de longevidade é garantia de sabedoria" há garantia de sabedoria do idoso é social, e depende do diálogo para este bem social, Bosi (2006, p. 210) retrata bem isso ao falar que "o idoso precisa ter oportunidade de exprimir seus sentimentos, conversar sobre seus problemas, elaborar suas tristezas".

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, voltamos nossa atenção para a questão que mais diretamente diz respeito às lembranças, através de teóricos que discutem acerca da memória como uma identidade do ser individual ou coletiva, ou como algo que guarda o tempo em si, sem que o perca, ou a memória como vida e que sem ela o ser seria inanimado. A memória é um dos mais importantes processos psicológicos, pois além de ser responsável pela nossa identidade pessoal, e por guiar em maior ou menor grau nosso dia a dia, está relacionada a outras funções importantes, tais como a função executiva e o aprendizado.

As lembranças como experiências passadas ao longo da vida são evocadas sempre quando se quer vivê-las novamente, pois é uma característica do ser humano se refugiar ou buscar felicidades naquilo que se viveu um dia, e que virou lembranças concretas, que se mantêm vivas no seu consciente, assim como fala Chauí (1996 p.125) "a memória é uma evocação do passado, é a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A

lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais". As memórias podem ser escritas a partir de uma vivência pessoal ou com base no depoimento de alguém, assim, a memória é constituída a partir dessa numerosa rede relacional, como cita Thompson (1998, p. 44) "a historia oral é uma história construída em torno de pessoas". Grande parte do que somos, interage não somente com memórias próprias, mas com uma série de outras memórias de outros indivíduos.

A discussão acerca do conceito lembranças pode-se salientar que, lembrar é o ato de recordar aquilo que está guardado na memória, refletindo na mente imagens de uma experiência já vivida, algo que já está no passado. Desta forma, as memórias possuem a capacidade de despertar nas pessoas recordações boas e muitas vezes ruins, porém é o meio que as pessoas têm para lembrar-se de algo de extrema importância, bem como momentos em família, assuntos pertinentes aos trabalhos, ao período de infância e principalmente no decorrer dos estudos. Bosi (2006 p.125) "lembrar é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora á disposição, no conjunto de representações que provam nossa consciência atual".

É de fundamental importância discutir sobre as memórias, pois em muitos casos não há uma valorização deste termo, por ser acontecimentos que estão no passado e que revivê-las novamente seria praticamente impossível, por muitas vezes subestima-se o poder da mente, crendo na ideia de que recordar é viver prezo nas lembradiças do passado, porém ela permite valorizar aquilo que foi já foi vivido.

Nas pesquisas sobre as definições de memória é possível identificar que esse estudo envolve uma pesquisa social, já que as lembranças são uma junção de experiências obtidas em meio à sociedade. Os indivíduos estão constantemente trocando informações uns com os outros e vivendo em constantes mudanças, seja de comportamento, seja de costumes, essas mudanças têm ligação com o processo de transformação da sociedade e que querendo ou não as pessoas são obrigadas a adaptar-se a realidade.

3.1.1 Funcionamento da Memória

Teoricamente será utilizado autores como Bosi, Rousso e Porteli, que auxiliam a compreensão do funcionamento da memória. Para Rousso (2005, p.94), "a memória é sempre atual, ela é a presença do passado, sobretudo de

acontecimentos próximos, ela é sempre uma reconstrução psíquica e intelectual realizada no presente e que acarreta uma representação seletiva do passado”.

Porém um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Silva (2015) também traz algo importante sobre o funcionamento da memória que é “a memória é sempre “imperfeita”, no sentido de sua incapacidade de comportar as “agudezas” da experiência, mas é nela que se constrói a “legibilidade” para o acontecimento” ou seja a memória é falha, mas é por meio dela que se constrói acontecimentos, mesmo que não sejam tão agudos e detalhados, como no momento em que se viveu as lembranças lembradas.

Sobre a lembrança, Portelli (1997, p.33) afirma que “a memória não é um depósito passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significações”, essas mudanças forjadas na memória, revelam o esforço dos narradores em buscar um sentido no passado e dar formas as suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico, também para Bosi (2006, p. 55) “a memória é seletiva na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Thompson (1998) também traz algo sobre como a memória funciona, fala que a memória funciona como acumulação de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis.

Le Goff (2003), ressalta que foi na Grécia arcaica que fizeram a memória uma Deusa, ela era antidoto do esquecimento, porque era fonte de imortalidade. Le Goff (2003) fala que memória foi posta em jogo na luta das forças sociais pelo poder, porque se tornar dono da memória e do esquecimento, é uma das grandes preocupações dos grupos dominantes de toda a história do ser humano

Segundo Le Goff (2003), grande parte da história de um indivíduo fica registrado em sua memória e essas lembranças lhe dão uma identidade. Ele afirma que, a memória dos habitantes, faz com que eles percebam na fisionomia da cidade a sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas.

A memória é imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que acompanha. Le Goff fala que sem isso, a população não tem condições de compreender a história, através do tempo, nem a origem do processo que a caracterizou. Portanto sem a memória não se pode situar na própria história. Para Felix as memórias que se dizem esquecidas

pelas pessoas são formas encontradas por elas para se protegerem de algo que aconteceu:

Tipo de memória que não foi apagado do seu grupo social, mas submetido a um tipo de esquecimento, em geral um silenciamento auto-imposto como regra de sobrevivência para um tempo do ajuste dos ciclos e dos tempos históricos, mas em nenhum momento, de supressão de lembranças. (FELIX 2002, P. 33)

As lembranças que se tentam esquecer, é uma forma encontrada pelo ser em tentar amenizar algum tipo de sentimento, mas essa autoimposição em tentar não lembrar, ou excluir de si, não tem a capacidade de deletar essas lembranças.

3.1.2 Oralidade

Portelli (1997, p.7. 24) ao refletir sobre a pesquisa oral como um experimento em igualdade, argumenta que “uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos literalmente uma visão mútua, uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca” significativamente o autor defende uma forma de mutualidade estabelecida entre os dois sujeitos.

Ao aprofundar suas reflexões sobre o papel da igualdade e da diferença no campo da pesquisa Portelli (1997 p. 18) afirma que “somente a igualdade nos prepara para aceitar a diferença, somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante”. Para Portelli (1997) o entrevistador tem papel importante, já que quando o encontro tem lugar há luz da igualdade, não somente o observador, mas também o observado pode ser estimulado a pensar diferentemente sobre si mesmos.

Ainda Portelli (1997, p. 31) ao tentar justificar a importância da fonte oral para a história ressalta os eventos e significados, ou seja “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos, elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes hegemônicas” Portelli (1997, p. 33), fala que o fundamental parece ser o fato de que “fontes orais nos contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e que agora pensa que faz”. Thompson (1998) fala que a história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante a autobiografia publicada, mas de muito maior alcance.

Por meio do recurso da oralidade, os pesquisadores têm a possibilidade de usarem as memórias como fonte. Durante o falar, as pessoas recortam e significam

o que viveram, sentiram e sofreram, elas relatam o que viram na sociedade, a convivência, a economia e também a religião em épocas passadas. De acordo com Neves a memória é o melhor meio de acessar o passado, e ele ressalta que:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões, materiais e simbólicas; identidade e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado. O sagrado e profano. Crucial porque a memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. NEVES (1998, P. 218)

A memória é o conjunto interligado entre tempo e lembranças passadas e presentes do ser humano, que contribui para o entendimento das transformações e acontecimentos sociais ocorridos.

4 ENTREVISTAS E ANÁLISES

Entrevistamos nos dias 26 e 30 de setembro de 2019 três alunos do projeto UMA/UFT Araguaína - TO. Por razões éticas, empregaremos pseudônimos. A seguir, organizamos um quadro com dados gerais para sua caracterização (Quadro 1).

Quadro 1: Caracterização geral dos entrevistados

Aluno(a) da UMA Participante da pesquisa	Idade	Origem	Escolaridade
Lila	47	Maranhão	Magistério
Benta	66	Piauí	Técnico de Enfermagem
Jose	69	Pará	Artesão

Fonte: O pesquisador.

4.1 APRESENTAÇÕES DOS ENTREVISTADOS

Dona Lila há mais de 2 anos frequenta o projeto UMA. Tem aparência física bem jovem, algo que causa estranheza dentro da UMA, já que é um ambiente totalmente frequentado por idosos. Ainda bebê se muda para o Tocantins com sua família vinda do Maranhão possivelmente procurando melhoria de vida, algo muito comum a provocar a migração de famílias em busca de novas expectativas de vida.

Eu nasci no Maranhão e fui criada aqui no Tocantins. Na época, aqui era Goiás, né? Mas eu nasci no Maranhão, mas eu não conheço a cidade do Maranhão porque depois que vim de lá nunca mais voltei lá ne. Eu vim de lá bem pequenininha. Aí morei pela região nas roças, né? Aí com 18 anos eu vim aqui para Araguaína e estou aqui até hoje. (LILA)

Dona Benta tem 66 anos, mas tem uma aparência de bem mais jovem. Frequenta a UMA há mais de 2 anos e é coordenadora de turma. Recentemente recebeu um título de formatura pela UMA, algo lhe dá muita satisfação ao falar. No início dos anos 50, a família de Dona Benta migra em uma longa viagem feita no lombo de animais, modo bem tradicional na época, do Piauí para o estado do Tocantins que, no período, era território goiano. Dona Benta é irmã mais velha dos 12 irmãos que teve, assumindo bem cedo responsabilidades sobre eles.

Eu vim da cidade de Guadalupe, no Piauí, com 3 meses de idade. Foi uma viagem de um mês em lombo de burro de lá pra cá. Aí, na época que a gente chegou, aqui era Goiás. Aí os meus pais foram morar nas fazendas pela redondeza né? Mas para dentro da cidade vim com 7 anos porque nós somos 12 irmãos. Minha mãe teve um filho atrás do outro, gêmeos. Teve que vim para cidade pra ficar mais perto de gente. (BENTA)

O senhor José tem 69 anos, é natural da cidade do Marabá-PA onde passou toda sua infância, vivendo entre a vida na cidade e fazendas vizinhas trabalhando. Aos 24 anos de idade, seu Jose parte para sua primeira experiência de sair da sua cidade de natal com destino a Brasília, onde teve uma passagem breve de 6 meses, decidindo-se por se mudar para Araguaína - TO, onde se estabilizou, construiu família e já mora há 41 anos. Durante todo esse período em Araguaína, exerceu função autônoma na fabricação de pequenos pilões de madeira e piões usados em brincadeiras de criança.

Eu sou do Pará criado e nascido no Marabá. Eu saí do Marabá primeira vez de dentro do Marabá eu tinha 24 anos. Aí fui para Brasília, trabalhei uns 6 meses, aí vim para Araguaína. Nesse tempo eu ainda era solteiro. Aí cheguei aqui na Araguaína, casei, constituí família e aí fiquei de vez. Aí estabilizei ai aqui. Já tô com 41 anos que eu moro aqui e acho muito boa a cidade. (JOSE)

Na fala dos três entrevistados a algo em comum, vieram de outros estados, e constituíram família no Tocantins, por meio desse relato, fica bem evidente que a população tocantinense é formada da heterogeneidade de estados vizinhos como citados nas entrevistas.

4.2 NOS TEMPOS DE ESCOLA E DA PALMATÓRIA

Conversando sobre lembranças do seu período de escola, dona Lila relata que tenta lembrar de sua primeira professora, mas não consegue. Em diálogo com uma colega, após uma aula na UMA, ela ouve que as pessoas precisam marcar a vida para serem lembrados e, por esse motivo, ela crê que sua primeira professora não a marcou. Assim, Lila atribui esse papel de destaque a uma professora da UMA que a cativou.

Por incrível que pareça, hoje lá em casa, eu tava comentando com uma colega que eu queria lembrar da minha primeira professora e não lembro. E hoje, na aula do professor, ele foi falando tudo aquilo que existem pessoas que marcam muito a vida da gente. Eu acredito que minha primeira professora da minha infância não marcou a minha vida. E hoje, tem a professora Fernanda aqui, que está aniversariando. Se eu sair daqui eu não esqueço dela, porque aqui na UMA ela é muito divertida. Eu até falei aqui algumas coisas, que ela tá aniversariando, e eu assimilei as duas coisas. Minha primeira professora eu não lembro e ela simboliza a primeira professora na maturidade. E tá sendo gostoso. (LILA)

Lila retoma aquilo de que falamos a respeito do caráter intenso das experiências vividas e que se registrarão no tempo da memória (ZILBERBERG, 2010). Lila não atribuiu muita importância ao momento da escolarização inicial, mas, em função do afeto pela professora “divertida”, acredita que levará na lembrança a presença da atual docente da UMA.

Dona Lila, ao ser questionada sobre lembranças de escola que marcaram sua vida, relembra suas aulas de matemática, quando ela apanhava bastante de palmatória para aprender de forma forçada e dolorosa. Este modelo de ensino por meio da violência física causou sequelas que se perpetuam até hoje e ela acredita que esse seja o grande fator da sua dificuldade em matemática.

A minha lembrança ruim, que eu não gosto, que foi traumatizante para mim foi porque eu tive uma professora que ela dava aula particular para auxiliar. Naquele tempo tinha muito aquelas aulas particular, tipo uma professora extra. E ela me batia muito com palmatória. A tabuada, aquela coisa toda, e era muito rígida. E aquilo me marcou muito, traumatizou. Acredito que até hoje tenho dificuldade em matemática devido a ter apanhado. Esse trauma, né? (LILA)

A partir do relato de dona Lila, vemos uma oposição entre dois modelos de ensino-aprendizagem, o do tempo da escolarização inicial, marcado pelo “trauma”, e o do tempo na UMA. Lila se esquece da primeira professora e não traz nada de significativo do ponto de vista das boas experiências escolares, mas ressalta o que foi vivido de forma negativa: a violência que marcava as práticas tradicionais na escola com o uso da palmatória. Conforme ela declara, a violência não a tornou competente na disciplina.

Benta, ao contrário, traz características bem vivas da sua primeira professora adjetivada como “bem forte” e “corada”. Esses termos têm significados particulares com relação aos seus usos no período atual. Ser “bem forte” significa que a professora seria gorda; “corada” significa que a docente era negra, o que aponta para o emprego de eufemismos. Benta traz algo que se pode inferir a respeito de um período em que existia fome, o que fazia com que as pessoas fossem predominantemente magras. A docente, no caso, evidenciava uma vida melhor.

Benta ressalta ainda a ignorância e o preconceito com relação a mulheres. Estas não deveriam estudar muito, o que seria a justificativa para que não pudesse permanecer na escola.

Lembro da minha primeira Professora Deuzuita Cardoso. Ela era mulher bonita, forte para não dizer gorda né, corada, então naquela época a maioria do pessoal era magro porque não tinha o que comer e ela era aquela mulher saudável bonita. E para o meu pai também, minha família, minha mãe, a mulher aprendeu fazer o nome tava fora da escola. Então fiz o primário. (BENTA)

A escola de que fala dona Benta era possivelmente bem tradicional, prescrevendo aluno submisso, passivo. O que soa como acontecimento na lembrança e que, portanto, a marca, eram as comemorações do dia 7 de setembro, pois era um período de festividade na escola e nas ruas da cidade. Dona Benta, contudo, era proibida pelo pai de participar e ver as festividades nesse dia. A única coisa que lhe sobrava era ouvir os barulhos ecoados pelas fanfarras e imaginar como seria o desfile.

É possível ver também o olhar e o pensamento daquela época com relação à escolarização das mulheres. O pai de Benta despreza a busca por conhecimento e informação na leitura de livros e revistas, considerados como algo mundano e contaminador para a formação da filha, como se a preservasse do mundo. Ao mesmo tempo, também a impede de sair para festividades, operando uma dupla censura que vai incidir sobre a descontinuidade de sua formação.

Sobre os professores não tinha problema porque a gente era obediente, a gente gostava dos professores, o que me marca até hoje e eu sinto é quando é 7 de setembro que a gente era proibido de ir, meu pai proibía da

gente ir. A gente só escutava a fanfarra né? Aí ele não deixava a gente ir. Aí a gente ficava imaginando mil coisas. Meu pai também proibia ler livro, ver revista e olhar retrato de cabeludo, né? Porque na época os homens eram cabeludos. (BENTA)

A memória de Benta é a da censura e da interdição. Sua fala traz elementos que indicam que ela queria estudar, queria aprender, mas o saber da escola estava interdito às mulheres de seu tempo.

José também traz lembranças de infância e do seu período de escola. Relembra o nome de uma professora que o encantou e o fez fazer a promessa de que, quando tivesse uma filha, lhe daria o mesmo nome: Cleri Mutran. Conforme vemos, foi fiel a essa promessa realizada já aos 15 anos. José ressalta que, no seu período escolar, existia muita disciplina e respeito do aluno em relação ao professor. Naquele tempo, também não existiam drogas.

Eu lembro eu estudei com a professora e eu tinha 15 anos nessa época, o nome dela era o nome dela é Cleri Mutran esse nome dela eu achava tão bonito, aí eu falei se eu casar e tiver uma filha eu vou botar o nome da professora, e na verdade foi o que aconteceu e a minha primeira filha foi mulher e eu botei Cleri Mutran desse jeito, aí o passado dos estudos naquele tempo era diferente de hoje os alunos na classe respeitavam o professor obedeciam não tinha esse negócio de teima, de droga não tinha não qualquer coisa que o aluno errasse na classe o professor passava para os pais ele era disciplinado pelos pais e pelo professor. (JOSE)

As considerações de José mostram um olhar positivo com relação ao modelo de escola de seu tempo na medida em que o professor aparecia como uma autoridade bem respeitada, capaz de “disciplinar” o aluno. Elenca ferramentas pedagógicas de uma prática tradicional, identificadas pelo uso de materiais não didáticos utilizados no ensino como a régua e a palmatória, materiais usados para castigar e disciplinar quem não fosse ágil para responder às questões demandadas pelo docente.

Esse método de viés punitivo era usado para fazer o aluno aprender de forma mais rápida, pressionado pelo medo e pela dor física, de ser disciplinado por objetos de madeira, seguindo a boa indicação de um modelo pavloviano e behaviorista em versão radical. Curiosamente, quem punia o aluno mais lento era o próprio colega mais ágil, colocando a dupla em estado de competição e rivalidade.

Era o argumento de tabuada a professora botava de dois em dois para fazia a pergunta o que respondesse primeiro dava o bolo na mão do outro ou aprendia ou apanhava, era desse jeito até aprender chegava lá em casa era na tabuada até cantava, até hoje nunca esqueci a tabuada. (JOSE)

Seu José tem dificuldades em dar muitos detalhes do seu período escolar, mas lembra da forma como os alunos eram disciplinados por coisas que fizessem e que não agradassem à professora. Segundo ele, tinham que aprender necessariamente a obediência.

Rapaz, eu não bem lembro direitinho não, mas sei que a professora era muito rigorosa na sala a gente qualquer coisa que fizesse apanhava mesmo, botava na parede às vezes, ficava de joelho dentro da sala de aula, aí tinha que pegar o jeito de obedecer. (JOSE)

O entrevistado relembra algo bem normal do seu período escolar que era a autoridade absoluta do professor, pois o aluno não tinha voz para debater ou questionar dentro da sala. O aluno era um depositário absoluto e ficava o tempo todo em um estado sem reflexão a respeito do conteúdo, pois só a professora tinha voz e conhecimento dentro da sala, autorizada a falar.

Não, naquele tempo tinha negócio de bate papo nas aulas não era muito diferente, era todo mundo silêncio, só respondia o que a professora perguntava. A professora era quem explicava. Aí, chamava um para ir no quadro, aí a gente falava o que ela mandava, o que ela dava permissão, era muito rigoroso. (JOSE)

De acordo com José, a escola de seu tempo é a da punição, da repetição, sem espaço para o diálogo e a reflexão, perfazendo um ensino mecanizado. Aliás, pelos relatos aqui analisados, os modelos de escola descritos se aproximam muito e, de certo modo, não há nessa memória espaço para um passado idealizado, a escola não era um lugar muito propício à participação, à democracia, a um aprendizado mais prazeroso.

4.3 O QUE OS LEVOU PARA A UMA/UFT

Lila é a mais jovem, com 47 anos, não podendo ser caracterizada como uma pessoa da terceira idade. Sua presença na UMA, contudo, se faz em função de sua

necessidade de interação social, vencendo a solidão. Acentua ao longo da entrevista que teve problemas sérios de saúde, embora não tenha explicitado qual fosse. Em função da doença, abandona as atividades profissionais, o que a levou a uma espécie de confinamento. Dona Lila ficou curiosa, pois via senhoras que participavam do projeto vestidas com a camiseta da UMA. Em função disso, Lila decidiu saber mais a respeito, porém ela não poderia participar devido a sua idade. Então ela esperou um tempo até poder ingressar, como conta:

Bom, eu tive a curiosidade. Eu sempre via aquelas mulheres com aquela camiseta amarela, UFT. Aí eu tive essa curiosidade, perguntei para uma colega e ela me falou para mim como é que era, mas aí na época eu não tinha idade, né? Aí eu fiquei aguardando. Como eu passei por um problema de saúde, né, eu tô aqui para não perder o vínculo social, porque eu fiquei muito isolada em casa, que eu passei por um problema sério de saúde, eu resolvi vir para cá. Até que o pessoal me acha jovem por estar aqui, mas eu tenho toda uma história até chegar aqui e eu tô gostando muito. (LILA)

Assim, embora jovem, Lila vivencia os problemas geralmente atribuídos aos mais idosos quando deixam o mercado de trabalho. A UMA serve, então, para garantir o vínculo social. Seu não pertencimento à mesma faixa etária dos demais, contudo, faz com que vivencie aqui e ali alguns contratempos:

Eu tô no meio deles aqui e tô gostando. Até foi interessante: veio uma repórter aqui fazer uma matéria, aí eu queria falar. Aí ela não aceitou eu falar e ficou perguntando o que eu estava fazendo aqui porque eu não sou idosa e o foco da universidade da maturidade mais é os velhos, mas a partir dos 46 anos já pode entrar aqui. (LILA)

Dona Benta teve uma trajetória como funcionária pública transitando entre as Secretarias de Saúde e Educacional na Prefeitura de Araguaína. Após trabalhar e cumprir o tempo de trabalho requerido, dona Benta se aposenta e inicia um novo ciclo de vida em casa e, a partir disso, a vida se faz monótona, desenvolvendo atividades rotineiras como cuidar da casa, cuidar dos netos e preparar as refeições da família. Partindo da necessidade de ter desafios e novos objetivos então dona Benta ingressa na UMA.

Quando eu aposentei fiquei só em casa, porque quando você trabalha você tem aquele círculo de amizade, do trabalho ne, aí quando você aposenta e o pessoal continua trabalhando você sai daquele círculo de amizade. Aí eu fiquei assim uns três anos, dois anos só em casa sozinha cuidando do neto, do filho, estava achando aquela vida monótona, muito pacata, tinha que

achar alguma atividade, alguma coisa para mim aparecer, alguma coisa para me animar porque tá muito quieto essa vidinha aqui, tá muito quieta. Aí eu fui. Aí eu recebi o convite, além do meu menino ter mandado ir, mas eu não queria, achava que tinha que fazer trabalho. Aí minha amiga convidou para ir também. Aí até hoje tô aqui e vou continuar assim frequentando, tá bom para mim, é bom. (BENTA)

Vemos na fala de Benta o que já apontava Beauvoir (1990) a respeito da ruptura entre os modos de vida do sujeito imerso no mercado de trabalho e, após, na velhice e aposentadoria. Benta rejeita o papel de dona-de-casa tradicional atribuído geralmente às mães e avós idosas. Não aceita a monotonia. A UMA devolve-lhe o elo perdido.

Seu José veio parar na UMA por meio de sua filha que esteve na UFT para fazer uma prova e notou a presença de idosos dentro do espaço universitário com a farda da universidade da maior idade. Isso despertou curiosidade da jovem a respeito dessas pessoas, o que a fez pensar que a UFT seria um lugar de prazer e distração para seu pai que, naquele momento, vivia em isolamento na sua residência.

Foi uma filha minha que veio fazer uma prova aqui na UFT. Aí deu fé do projeto UMA aqui. Aí ela falou que tinha um lugar para mim me distrair. Aí ela me trouxe aqui, matriculei, aí comecei a frequentar e tô gostando. (JOSÉ)

Antes do acesso a UMA, seu José descreve sua vida onde a solidão, o isolamento e a tristeza eram algo constante. Esses sentimentos se multiplicaram com a perda da esposa. Mesmo morando próximo das filhas, José sente muito o isolamento devido ao fato de as filhas terem uma vida social corrida em função do trabalho. Desse modo, o acesso a UMA deu uma nova perspectiva de vida de contato social ao seu José.

Rapaz, é assim. Antes de vim para cá, eu ficava em casa muito sozinho porque sou viúvo. Aí minhas duas filhas têm casa no mesmo lote meu, mas quando elas saía para trabalhar, eu ficava sozinho na solidão. Aí ligava televisão, o som, mas essas coisas a gente abusa. Aí eu não tinha para onde ir. Aí eu ficava na solidão lá. Aí não dava depressão porque a gente tem muita fé em Deus mesmo, porque eu tava sentindo muita dor da morte

da minha esposa. Aí só vim me reativar, me animar, quando entrei aqui.
(JOSÉ)

Lila, Benta e José relatam sentimentos semelhantes anteriores à entrada na UMA. Os três trazem em sua narrativa a condição de sujeitos em conjunção com a solidão e o isolamento. Lila, porque adoeceu, Benta porque se aposentou e José, aposentado, teve a sensação de solidão ampliada pela perda da esposa. Os três narram, assim, a modificação desse estado inicial, rompendo com o isolamento em que se encontravam, valorizando positivamente a experiência da UMA.

4.4 AVALIANDO A UMA

Para dona Lila, é prazeroso fazer parte do projeto, pois ela gosta de ser participativa nas aulas, gosta de fazer anotações e pesquisar trabalhos. Além disso, para ela, a UMA passa um conhecimento que vai além de suas expectativas, pois adora os professores, tendo um enorme carinho pela professora Fernanda que atua no projeto, devido a sua dedicação e paciência com os alunos.

Ela proporciona conhecimento de outro nível. Eu acredito que esse conhecimento para mim é válido. Nessas aulas eu gosto de fazer anotações, eu gosto de pesquisar, às vezes eu peço pro professor mandá no e-mail as aulas que ele deu aqui. Então, assim, tá sendo válido para mim, eu tô gostando, é bem significativa as aulas daqui. (LILA)

Lila figurativiza em seu relato o papel temático do estudante, mesmo a UMA não se caracterizando como um espaço de aprendizagem tradicional a demandar anotações, pesquisas, registros. Parece recuperar uma experiência perdida, uma vez que, no passado, não tinha tido uma boa experiência escolar, com as dificuldades na Matemática, a rigidez do modelo de ensino, a palmatória. A UMA segue em outra direção, motivando Lila a aprender além das aulas.

Dona Benta também avalia a UMA como um ambiente propício ao conhecimento, pois é um lugar que promove a interação social e diálogo com outras pessoas. Além de todo esse processo de interação social, a UMA proporciona conhecimento sobre o idoso e seus direitos garantidos por leis e ainda tem professores que qualificados que promovem um alto nível de aprendizado, o que se torna prazeroso para ela.

Proporciona sim sobre conhecimentos do idoso e direito. Tem coisa que a gente tem um pouco de conhecimento e outras não, e tem coisa que a gente entende um pouco. Aí nós temos um professor de filosofia. Aí, esse mesmo que saiu, de filosofia, as aulas dele é totalmente diferente das anteriores. (BENTA)

Benta não explicita em que sentido as aulas do professor de filosofia seriam diferentes, mas avalia positivamente os saberes informados pela UMA.

Seu José ver a UMA como um novo recomeço de vida, uma nova possibilidade para se viver bem, seu José relata os conhecimentos que a uma proporciona durante as aulas a diversidade de conhecimento trabalhado em aula, conhecimentos que possivelmente ele não teve a chance de estudar no seu curto período de escola, e ainda ressalta a qualidade e o profissionalismo dos professore (a)s da UMA.

Sim, ai aqui me reativou minha vida de novo. Aí eu falei para minha filha que mora em Palmeirópolis a Cleri que eu comecei a viver de novo aqui na UMA. Proporciona sim ensina direitos do idoso, regras de transito, inglês, filosofia e muitas coisas, só não aprende quem não quer os professores ensinam direito explica bem e agente aprende. (JOSE)

Senhor José ressalta a forma como são os profissionais que conduzem a UMA, com respeito e carinho com o próximo qualidades, essas que constrói relações fortes entre alunos e professores do projeto, a um lanche em todas as aulas que os alunos, por meio de colaboração de cada um, promovem, e logo após vem um dos momentos que mais alegra a turma e seu José que se diz gostar muito de forro durante a entrevista.

São pessoas assim muito meiga respeitadora, explica tudo sempre bem direitinho. Aí tem o negócio do lanche, tem a educação física, tem a dança. Aí coloca um forrozinho para agente dançar se alegrar, tenho minha namorada que arrumei aqui na UMA. Aí levo ela. Aí agente se diverte demais. (JOSÉ)

A UMA além de ser um projeto de socialização e interação social que promove o conhecimento sobre direitos e deveres com o idoso, também proporcionar ressignificar a vida, como é relatado por seu José que por meio da UMA ele constrói uma nova relação com outro integrante e começa a reviver a vida além do espaço UMA. Dona Benta quebra a monótona vida de aposentada e

encontra novos desafios e dona Lila encontra absorve novos conhecimentos, algo que lhe dar muito prazer. A UMA mais que um projeto é um recomeço de novos conhecimentos, é recomeço de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido que teve como objeto de estudo o idoso e suas memórias, teve a necessidade de entender como esse ser é visto, como é tratado e como são as leis que o amparam. Diante disso se chegou a certas considerações sobre a sociedade em relação ao idoso, que o trata sem utilidade alguma, e mesmo com direitos garantidos o idoso não consegue usufruir como deveria. Mesmo com projeções demográficas grandiosas para os próximos anos, o futuro e a importância do idoso não é pauta importante para o meio social.

A UMA que foi o lócus da pesquisa desenvolvida, desenvolve com excelência praticas sociais com idoso, lhe proporcionando bem estar físico e emocional. O projeto consegue obter resultados por meio das suas praticas pedagógicas, que tem como viés o respeito, o carinho, a valorização do ser e das sua historia de vida. O resultado que se chega sobre a UMA é, que é essencial para a sociedade que estar envelhecendo, por meio da UMA pessoas conseguem quebrar barreiras, como o preconceito e doenças, e ainda conseguem ressignificar a vida.

Entendeu-se que trabalhar a memória dentro da Universidade da Maturidade – UMA, é importante para considerar o fato de que, existem memórias e lembranças que precisam ser levadas em consideração, para que se averigüe o fato de que a UMA é composta de grandes constatações históricas, feita por pessoas que no decorrer deste contexto de formação da sociedade em que se vive, tem atuado de forma benéfica e constante para que tal formação ocorresse.

Observando mais atentamente os relatos que se apresenta aqui, observa-se que as entrevistas realizadas, mostraram uma grande diversidade no perfil dos membros que compõem a UMA. Isso mostra a singularidade de cada um deles, bem como a sua relevância no contexto de formação social da Universidade. Os entrevistados possui memórias que os ligam, que é o ensino tradicional no período de escola. Por meio desses relatos chegou a considerações que de fato o ensino tradicional e mecanizado não contribui para o conhecimento, pois não propõem de fato a reflexão e nem a participação do aluno dentro da aprendizagem, e que esse modelo de ensino podem desenvolver traumas e dificuldades de aprendizagem.

Constata-se ainda que a comunicação com estes membros é muito importante, pois corrobora o perfil contributivo que a UMA tem para com a

construção das memórias da sociedade. É relevante também dizer que a oportunidade de trabalhar este tema, e com este público, agrega em muito para a vida do acadêmico, uma vez que assim, ele pode se familiarizar mais com a história do ambiente sociedade no qual vive.

Ratifica-se ainda, que a percepção alcançada sobre os relatos aqui obtidos, refletem em uma postura nova que se forma, onde se é possível observar o efeito prático de ações de cunho político, social e cultural que foram tomadas no passado para que a sociedade se tornasse como é hoje, preconceituosa e excludente.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, S; FREIRE, T. **Metodologia da investigação em psicologia e educação**. Braga: Psiquilibrios, 2003.

AUGUSTO, O. Brasil registra 102 casos de violência contra idosos por dia em 2018. **Metrópoles**, Brasil, 12 jun. 2019. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/brasil-registra-102-casos-de-violencia-contra-idosos-por-dia-em-2018>. Acesso em 03 dez. 2019.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRASIL. Estatuto do Idoso (2003): **Lei 10.741 de 2003, que dispõe obre o Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

COUTO, M. C. P. P.; NOVO, R.; SOARES, P. S. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 4, p. 509 – 518, 2009.

FÉLIX, L. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo, RS: UPF, 1998.

FLAVELL, J. H; MILLER, P.H. & MILLER, S. A. **Desenvolvimento Cognitivo**. (C Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artmed. 1999.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

LARANJA, A. L. Estatuto do idoso: ampliação e alargamento dos direitos humanos na sociedade brasileira. In: LEMOS, M. T. B.; ZAGAGLIA, R. A. (Orgs). **A arte de envelhecer**: saúde, trabalho, afetividade e estatuto do idoso. Aparecida, SP: Idéias e Letras. 2004. p. 35-50.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. Ed. Campinas, SP: Editora FGV, 2003.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios**: conceitos fundamentais de neurociência. Rio de Janeiro: Atheneu. 2001

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1989.

NEVES, M. S. História e memória: os jogos da memória. In: MATTOS, I. R. (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

- OLIVEIRA, A. K. M; PEREIRA, N. S. M; FORMIGA, R. I. D. M. **Envelhecimento e memória V Congresso Internacional do Envelhecimento Humano 2017**, Maceió. Anais DO CIEH. Campina Grande: Realize, 2017.
- OLIVEIRA, R. C. S. **Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis**. Campinas: Papirus, 1999.
- PARDAL, L.; CORREIRA, E. **Métodos e técnicas de investigação social**. Porto: Areal Editores, 1995
- PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História 15. Ética e História Oral, abril/1997.
- LEITE, A. R. L.; ARAÚJO, M. S. S. A velhice na perspectiva de quem envelhece(u). **VIII jornada internacional de políticas públicas**, 2017, São Luís. UFMA. São Luís. 2017. Disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/avelhicenaperspectivadequem envelheceu.pdf>. Acesso em 28 nov. 2019.
- REFORMAS pregam aposentadoria mais tarde, mas não planejam trabalho para idosos. **Carta Capital**, São Paulo, n. 1083, 29 nov. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/reformas-pregam-aposentadoria-mais-tarde-mas-nao-planejam-trabalho-para-idosos/>. Acesso em 29 nov. 2019.
- ROUSSO, H. **A memória não é mais o que era: usos & Abusos da História Oral**. 5 Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- ROZENDO, A.; JUSTO, J. S. Velhice e terceira idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 143-159, 2011.
- SANTOS, J. S. Atendimento preferencial no estatuto e na voz do idoso: uma análise discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 2, p. 243-271, 2013.
- SILVA, L. H. O. **Memórias da guerrilha: acontecimento e história**. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Org.). Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.
- SILVA, J. C. Velhos ou idosos. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 14, n. 26, p. 94-111. Jan. 2003.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- UVO, R. T.; ZANATTA, M. de L. A.L. O Ministério Público na defesa dos direitos do idoso. **A Terceira Idade**, v.16, n.33, 2005.

ANEXOS

ANEXO I: ENTREVISTA I

Entrevista I: Lila, 47 anos, maranhense. Entrevista em 26 de setembro de 2019, realizada no Anfiteatro da UFT, 15h-16h.

Pesquisador: Dona Lila, eu queria primeiramente saber de onde a senhora veio, de que lugar a senhora é, qual estado...

Lila: Eu nasci no Maranhão e fui criada aqui no Tocantins. Na época, aqui era Goiás, né? Mas eu nasci no Maranhão, mas eu não conheço a cidade do Maranhão porque depois que vim de lá nunca mais voltei lá, né? Eu vim de lá bem pequenininha. Aí morei pela região nas roças, né? Aí, com 18 anos, eu vim aqui para Araguaína e estou aqui até hoje.

Pesquisador: Dona Lila, há quanto tempo a senhora frequenta o projeto UMA aqui da UFT?

Lila: Já tem mais de dois anos.

Pesquisador: Como que a senhora veio parar aqui? Alguém lhe falou? Alguém lhe chamou?

Lila: Bom, eu tive a curiosidade. Eu sempre via aquelas mulheres com aquela camiseta amarela, UFT. Aí eu tive essa curiosidade, perguntei para uma colega e ela me falou para mim como é que era, mas aí na época eu não tinha idade, né? Aí eu fiquei aguardando. Como eu passei por um problema de saúde, né, eu tô aqui para não perder o vínculo social, porque eu fiquei muito isolada em casa, que eu passei por um problema sério de saúde, eu resolvi vir para cá. Até que o pessoal me acha jovem por estar aqui, mas eu tenho toda uma história até chegar aqui e eu tô gostando muito.

Pesquisador: Queria lhe perguntar sobre coisas do passado. É justamente sobre o período de escola. A senhora tem alguma lembrança desse período que a senhora possa falar?

Lila: Por incrível que pareça, hoje lá em casa, eu tava comentando com uma colega que eu queria lembrar da minha primeira professora e não lembro. E hoje, na aula do professor, ele foi falando tudo aquilo que existem pessoas que marcam muito a vida da gente. Eu acredito que minha primeira professora da minha infância

não marcou a minha vida. E hoje, tem a professora Fernanda aqui, que está aniversariando, se eu sair daqui eu não esqueço dela, porque aqui na UMA ela é muito divertida, eu até falei aqui algumas coisas que ela tá aniversariando, e eu assimilei as duas coisas. Minha primeira professora eu não lembro e ela simboliza a primeira professora na maturidade. E tá sendo gostoso.

Pesquisador: Fora isso, a senhora tem alguma lembrança boa de quando estudava? Alguma lembrança boa de que a senhora possa falar?

Lila: Boa ou ruim?

Pesquisador: Boa ou ruim, pode ser qualquer lembrança.

Lila: A minha lembrança ruim, que eu não gosto, que foi traumatizante para mim foi porque eu tive uma professora que ela dava aula particular para auxiliar. Naquele tempo tinha muito aquelas aulas particular, tipo uma professora extra. E ela me batia muito com palmatória. A tabuada, aquela coisa toda, e era muito rígida. E aquilo me marcou muito, traumatizou. Acredito que até hoje tenho dificuldade em matemática devido ter apanhado. Esse trauma, né?

Pesquisador: Até qual série a senhora estudou? A senhora se lembra?

Lila: Lembro. Eu fiz o magistério, terminei o magistério, né?

Pesquisador: A senhora chegou a exercer o magistério?

Lila: Exerci, assim, em alguma escola, tipo professora de quarta-série eu já substituí professora, mas, para trabalhar mesmo fixo, não. Eu já fui professora substituta.

Pesquisador: O espaço da UMA ajuda a relembrar coisas do passado, tipo semelhanças com o tempo de escola?

Lila: Ajuda sim, mas o que eu vejo aqui na UMA mais não é nem tanto o tempo de escola. O que eu vejo mesmo é o convívio social, as amizades, tem conhecimento, que eu gosto muito das aulas, gosto de questionar, também de perguntar e para mim é outra história. Tá fazendo parte da minha vida e eu tô gostando, né? Porque é outro conhecimento.

Pesquisador: Dona Lila, o que a escola significou para a senhora na infância, no passado, e o que a UMA significa para a senhora hoje?

Lila: No passado, significou muito pelo estudo que eu tive né? O que eu aprendi foi válido, tá sendo válido. A gente tem que aprender alguma coisa e tá sendo válido porque, mesmo eu tendo feito só o magistério, mais eu cheguei, já faz parte da historia, como professora de magistério eu fui só substituta, mas como foi

desvalorizado o magistério porque eu não continuei não me formei ai quando eu fui arrumar emprego eu fui trabalhar de assistente de professor, mas valeu apena o pouco que eu estudei e trabalhei porque se eu não tivesse estudado não tinha chegado nem a isso, e aqui na uma tá valendo apena porque é outro nível de professor que tá dando aula pra gente, mesmo que seja os aluno aqui diferenciado tem aluno aqui que não é alfabetizado, tem que já é professor aposentado, tem aluno aqui enfermeiro, tem várias diferenças e aqui não tem isso, aqui na uma o professor vem dar as aulas a nível universitário pelo jeito que eu vejo aqui no data show ai é totalmente diferente de uma aula, de sentar na cadeira e professor da aquela aula de ensino médio, é totalmente diferente.

Pesquisador: Dona Lila a uma significa muito para a senhora isso é evidente, mas assim o que ela proporciona para senhora além das brincadeiras aqui, o que ela proporciona?

Lila: Ela proporciona conhecimento de outro nível, eu acredito que esse conhecimento para mim é valido, nessas aulas eu gosto de fazer anotações eu gosto de pesquisar, às vezes eu peço pro professor manda no e-mail as aulas que ele deu aqui então assim ta sendo valido para mim, eu to gostando é bem significativa as aulas daqui.

Pesquisador: Dona Lila como a senhora se sente em fazer parte desse projeto aqui?

Lila: Eu me sinto feliz eu me sinto bem.

Pesquisador: A senhora se sente realizada?

Lila: Sinto sim, eu me sinto muito, é e outra bem interessante e que eu não cheguei a me formar, eu fiz só o magistério não fiz o curso superior, e eu tinha muita vontade de me formar, por causa da minha história de problema de saúde eu não conseguir chegar lá, ai teve a formatura aqui da uma eu me senti realizada toda feliz mesmo ne, mesmo sendo só um título ne, e também assim eu não sou idosa e estou no meio dos idosos, e eu acho bem bacana e são pessoas que me despertou muito, to aprendendo muito com os idosos porque são as pessoas surreais agentes aprende muito aprende a valorizar a respeitar a gostar de ta no meio deles eu gosto muito, eu me sinto realizada de ta no meio dos velhos, sempre a doutora Neila fala que não é idoso, ela costuma falar mesmo é os velhos, eu to no meio deles aqui e to gostando, até foi interessante veio uma repórter aqui fazer uma matéria ai eu queria falar ai ela não aceitou eu falar e ficou perguntando o que eu estava fazendo aqui

porque eu não sou idosa, e o foco da universidade da maturidade mais é os velhos, mas a partir dos 46 anos já pode entrar aqui.

Pesquisador: Dona Lila o que a senhora tem a falar das pessoas que conduzem esse projeto aqui?

Lila: Eles tratam agente bem, tratam com carinho, tem toda disposição e eu acho que é de tamanho de responsabilidade, eles têm muita responsabilidade nas viagens ela cuida muito bem dos velhos.

Pesquisador: Dona Lila a senhora pretende continuar nesse projeto da Uma?

Lila: Eu pretendo eu gosto eu venho já formei, mas eu venho, a Domingas disse que a tem porta de entrada e de saída não tem então eu vou continuar.

ANEXO II: Entrevista II

Benta, 66 anos, piauiense.

Entrevista em 26 de setembro de 2019, realizada no Anfiteatro da UFT, 15h-16h00.

Pesquisador: Dona Benta Eu queria saber da senhora da onde a senhora veio de que estado?

Benta: Eu vim da cidade de Guadalupe no Piauí com 3 meses de idade foi uma viagem de um mês em lombo de burro de la pra cá ai na época que a gente chegou aqui era Goiás ai os meus pais foram morar nas fazenda pela redondeza né, mas para dentro da cidade vir com 7 anos porque nós somos 12 irmãos minha mãe teve um filho atrás do outro gêmeos teve que vim pra cidade pra ficar mais perto de gente.

Pesquisador: Dona Benta há quanto tempo a senhora frequenta esse projeto uma aqui?

Benta: Já tem dois anos e um mês.

Pesquisador: e como foi que a senhora veio para aqui alguém lhe indicou?

Benta: Primeiro meu filho me indicou ai eu trabalhava né na prefeitura, na educação e na saúde ai eu aposentei e ele falou para mim vim ai eu digo eu não, eu quero é ficar distante de seminário ficar fim de semana pesquisando vai dar trabalho não vou não aí um ano depois minha colega chamou não tem isso não vai lá é palestra é bom fiquei gostei continuei vindo, ai agora aconteceu à formatura e vou continuar frequentando não tanto a acida como antes ne, mas não vou perder o vinculo vou continuar frequentando.

Pesquisador: Agora dona Benta eu vou perguntar sobre coisas do passado eu queria saber se a senhora lembra do período de escola?

Benta: Quando eu era criança eu vim pra escola mesmo quando eu tinha 7 anos foi quando gente veio para cá, lembro da minha primeira Professora Deuzuita Cardoso ela mulher bonitona forte para não dizer gorda né, corada, então naquela época a maioria do pessoal era magro porque não tinha o que comer e ela era aquela mulher saudável bonitona, e para o meu pai também minha família minha mãe a mulher aprendeu fazer o nome tava fora da escola então fiz o primário só ai depois que eu casei fui fazer o exame de admissão, mas antes de eu casar houve a

mudança do meu nome Teve uma época dos políticos que eles pra ganhar votos eles ajudava os pessoal então o finado Raimundo coelho ele pegou o nome dos nossos irmãos para registrar, mas como era muito pra ficar mais em conta o registro foi diminuindo o nome que era grande e a idade do pessoal que era pra ficar mais em conta, e ai meu nome chamava Maria Hortência Lopes Gonçalves aí ficou Maria Lopes Gonçalves tirou Hortência e isso deu uma confusão quando eu fui fazer o exame de admissão porque o primário eu fiz com um nome e o exame de admissão depois de casada grávida com outro nome quase não consegui estudar por isso deu problema aí teve que ir na escola saber se eu era aluna mesmo você tinha estudado que era o José Ferreira o nome da escola que hoje é Santa Cruz.

Pesquisador: A senhora tem alguma lembrança boa do período que a senhora estudou alguma coisa alguma coisa que marcou alguma lembrança boa?

Benta: Eu gostava da escola apesar de eu não estudar os horários todos, ou de manhã até meio-dia ou de meio-dia até umas 5 horas por eu ser a irmã mais velha eu já sabia ler e era um pouco inteligente estudava só 2 horas de aula era na Escola Batista, eu estudei uma parte na escola pública que hoje é o Santa Cruz que era José Ferreira ai como era à tarde todinha a mãe não queria que eu ficasse à tarde todinha aí me colocou na escola Batista que era na Cônego João Lima que era só duas horas de aula porque eu tinha que fazer as coisas em casa tinha que buscar água e cuidar dos meus irmãos e meu pai era na roça.

Pesquisador: Então a senhora praticamente não conseguiu estudar por esse motivo?

Benta: Sim por esse motivo e outro aprendeu fazer o nome não precisava frequentar a escola para eles tava estudado principalmente para mulher, então por isso acho que só os caçulas conseguiu estudar, mas eu fiz o segundo grau depois de casada trabalhei na escola trabalhei na saúde.

Pesquisador: Então a senhora estudou até o primário quando criança?

Benta: Só o primário né aí fui fazer o ginásio depois de casada, aí fiz contabilidade, não foi trabalhar porque casei no ginásio como era casada eu tive que estudar assim lugares diferentes porque eu mudei de cidade, saindo aqui para fora né aí fiquei viúva do meu primeiro marido aí eu casei de novo segundo casamento eu fiz Magistério, porque eu conseguir trabalho na educação e tinha que ter o magistério pra trabalhar na educação ai fiz, ai veio político e tirou um bocado de gente nesse rolo eu entrei nessa fila aí fiz uma prova ai concurso como eles falava ai

passei pra trabalhar como agente comunitário 16 anos e meio e aposentei da função.

Pesquisador: Queria perguntar para a senhora definir qual sua melhor lembrança da escola que a senhora teve, pode ser na parte depois que a senhora era casada ou quando era criança, para relembrar uma coisa que marcou seu período escolar?

Benta: Sobre os professores não tinha problema porque a gente era obediente à gente gostava dos professores, oque me marca ate hoje e eu sinto é quando é 7 de setembro que a gente era proibido de ir, meu pai proibia da gente ir agente só escutava a fanfarra né aí ele não deixava a gente ir, aí a gente ficava imaginando mil coisas, meu pai também proibia ler livro, ver revista e olhar retrato de cabeludo ne, porque na época os homens era cabeludo.

Pesquisador: Mas a senhora sabe por que o pai da senhora proíbia a senhora de ir e de ler e ver revistas?

Benta: Porque ele queria que agente não saísse de casa mesmo e nem tivesse conhecimento mundano.

Pesquisador: Seria por causa da bagunça?

Benta: Não porque ele era ciumento mesmo até hoje, ate hoje se alguém ligar e se ele tiver perto da gente ele quem ligou, porque ligou, oque quer quem é não.

Pesquisador: Dona Benta a senhora encontra alguma semelhança da UMA e do período de escola que a senhora estudou, alguma coisa que se parece à turma as pessoas as brincadeiras os professores alguma coisa que pareça?

Benta: Eu acho assim que antes as coisas eram mais serio hoje a gente já é todo mundo adulto e não tem não tem aquela cobrança trabalho prova de tudo aqui é mais relaxante mais Light Como diz e na escola não você tinha trabalho para fazer tinha que responder decorar tinha prova tinha tudo né, E aqui não aqui você escuta se não escutar entra no ouvido e sai no outro, mas alguma coisa fica na mente e ficam coisas boas né.

Pesquisador: O que esse projeto uma significa para senhora?

Benta: Pra mim é quase um lazer, porque assim quando eu aposentei fiquei só em casa porque quando você trabalha você tem aquele circulo de amizade do trabalho né, aí quando você aposenta e o pessoal continua trabalhando você sai daquele circulo de amizade aí eu fiquei assim uns três anos 2 anos só em casa sozinha cuidando do neto do filho tava achando aquela vida monótona muito pacata

tinha que achar alguma atividade alguma coisa para mim aparecer alguma coisa para me animar porque tá muito quieto essa vidinha aqui tá muito quieta aí eu fui aí eu recebi o convite além do meu menino ter mandado ir, mas eu não queria achava que tinha que fazer trabalho, ai minha amiga convidou para ir também, ai até hoje to aqui e vou continuar assim frequentando tá bom para mim é bom.

Pesquisador: Então isso aqui para senhora significa um lazer?

Benta: Um lazer, agente fica descontraída aqui fica bem, aumentou também o circulo de amizade algumas pessoas agente conhece há muito tempo outros agente conhece só por nome ou só de vista mesmo Tem atividade né tá ligado alguma coisa você tá ligado alguma coisa, porque tem muita gente que pergunta se eu participo de alguma associação, então eu participo disso aqui.

Pesquisador: Então é um orgulho para senhora falar que participa disso aqui?

Benta: É eu gosto é orgulho para mim falar é acolhedor também é bom animado e você só não aprende se não quiser é que nossas cabeças não tão boa como antes

Pesquisador: A uma Dona Maria proporciona conhecimento além de lazer?

Benta: Proporciona sim sobre conhecimentos do idoso e direitos, tem coisa que a gente tem um pouco de conhecimento e outras não, e Tem coisa que a gente entende um pouco, aí nós tem um professor de filosofia ai, esse mesmo que saiu de filosofia as aulas dele é totalmente diferente das anteriores.

Pesquisador: E a senhora gosta?

Benta: Sim é bom é descontraída a aula dele, e como faz pensar ele fala.

Pesquisador: Dona Benta assim como é para senhora fazer parte desse projeto aqui?

Benta: Eu acho bom gosto de vir eu não sei se é a resposta adequada assim eu gosto de vim é duas vezes por semana quando chega o dia já tô indo a gente tem um lanche aí eu Sou coordenadora de um dos grupos então quando é meu dia eu faço de tudo para não faltar, ia gente teve uma formatura aí em encima da bucha de 20 dias, eu e outra aí nós organizamos fizemos na raça, mas fizemos Foi bom foi divertido foi bom.

Pesquisador: O que a senhora tem a comentar das pessoas que conduzem esse projeto?

Benta: São boas tem professores bons temos Estagiários bons que vem para cá que explica direitinho pra gente ter outros conhecimentos, agente teve uns

conhecimentos de enfermagem no ITPAC, eu fiz auxiliar de enfermagem, mas tinha que trabalhar com agulha então eu não quis trabalhar, agente teve acesso a estagio a essas coisas assim é diferente da época também, diferente mais avançado, mas adiantado e também tem a tecnologia que ajuda muito eu sei que tem auxílio da internet você pesquisar saber de alguma coisa, antes se você não tivesse lido você não sabia de nada, que a gente estudava no livro né, se você não tivesse ficava no escuro sem saber nada, hoje tem internet, e tem livro, Tem revista, tem televisão então você não aprende e não se atualiza porque não quer, tem tudo para você se atualizar e ficar de bem com a vida com o mundo.

Pesquisador: Dona Benta a senhora pretende ficar no projeto uma?

Benta: Sim pretendo continuar Mesmo que não seja tão assídua, mas eu pretendo continuar sim eu to feliz e to bem aqui.

ANXEO III: Entrevista III

José, 69 anos, paraense.

Entrevista em 30 de setembro de 2019, realizada no Anfiteatro da UFT, 15h-16h30.

Pesquisador: seu José qual idade do senhor.

José: eu tenho 69 anos

Pesquisador: eu queria saber da onde que senhor veio, de que estado de que cidade?

José: eu sou do Pará criado e nascido no Marabá eu sair do Marabá primeira vez de dentro do Marabá eu tinha 24 anos, ai fui para Brasília trabalhei uns 6 meses, ai vim para Araguaína nesse tempo eu ainda era solteiro, ai cheguei aqui na Araguaína casei constituir família e aí fiquei de vez aí estabilizei ai aqui já to com 41 anos que eu moro aqui e acho muito boa a cidade.

Pesquisador: eu queria perguntar para o senhor há quanto tempo frequenta o projeto UMA?

José: já tem 2 anos e 8 meses que eu frequento e eu gostei muito, gostei porque é um projeto que tira a gente da Solidão da tristeza, de ficar livre da depressão, aqui agente fica muito alegre, tem muito amigo todo mundo faz amizade com a gente muito maravilhoso.

Pesquisador: como o senhor veio parar aqui na UMA, alguém lhe convidou ou o senhor viu na televisão, ou Alguém falou para você?

José: foi uma filha minha que veio fazer uma prova aqui na UFT, ai deu fé do projeto UMA aqui, aí ela falou que tinha um lugar para mim me distrair aí ela me trouxe aqui matriculei aí comecei a frequentar e tô gostando.

Pesquisador: antes do projeto uma aqui o que o senhor fazia antes

José: eu trabalhava na fábrica de artesanato

Pesquisador: aqui em Araguaína?

José: aqui em Araguaína fazendo aquele pilão brilhoso, ai trabalhei só 8 anos, ai depois a renda não deu mais ai fui fazer peãozinho de menino brincar, ai passei 12 anos fazendo aqueles peãozinho para vender, ai dava para sobreviver, ai passei 12 anos vivendo disso a fabrica era minha mesmo.

Pesquisador: queria perguntar para o senhor sobre coisas do passado sobre seu período de escola, o senhor lembra?

José: lembro sim, eu estudei até 4° serie do primário, porque naquele tempo era a época do atraso, a gente tirava só posto máximo que era ginásio né Aí eu estudei até a quarta série do primário aí parei fui trabalhar na fazenda com meu pai na perto de marabá.

Pesquisador: quantos anos que o seu parou de estudar

José: com 17 anos aí eu fui trabalhar na fazenda porque naquele tempo não tinha esse negócio de emprego não a gente tinha que trabalhar para adquirir as coisas e era assim

Pesquisador: o senhor tem mais alguma lembrança do período de escola, da turma da professora das brincadeiras das festividades.

José: eu lembro eu estudei com a professora e eu tinha 15 anos nessa época, o nome dela era o nome dela é Cleri Mutran esse nome dela eu achava tão bonito, ai eu falei se eu casar e tiver uma filha eu vou botar o nome da professora, e na verdade foi o que aconteceu e a minha primeira filha foi mulher e eu botei Cleri Mutran desse jeito, aí o passado dos estudos naquele tempo era diferente de hoje os alunos na classe respeitavam o professor obedeciam não tinha esse negócio de teima de droga não tinha não qualquer coisa que o aluno errasse na classe o professor passava para os pais ele era disciplinado pelos pais e pelo professor.

Pesquisador: o senhor alguma vez chegou a ser discriminada na escola com a palmatória

José: Vixe peguei demais na mão palmatoria era régua era tudo.

Pesquisador: o que o senhor fazia para pegar essas coisas na mão?

José: era o argumento de tabuada a professora botava de dois em dois para fazia a pergunta o que respondesse primeiro dava o bolo na mão do outro ou aprendia ou apanhava era desse jeito até aprender chegava lá em casa era na tabuada até cantava, até hoje nunca esqueci a tabuada.

Pesquisador: quando tinha festividade na escola o senhor participava?

José: não nesse tempo não tinha esse negocio de festividade não algumas vezes que agente ia na praia tomava banho e passava o dia lá e vinha embora ai passava era muito tempo sem ter outro passeio, naquele tempo não tinha essas festividades que tem hoje não era diferente.

Pesquisador: além da tabuada tem mais alguma coisa na escola que o senhor lembra bem que marcou o período da escola?

Pesquisador: rapaz eu não bem lembro direitinho não, mas sei que a professora era muito rigorosa na sala a gente qualquer coisa que fizesse apanhava mesmo botar na parede às vezes ficava de joelho dentro da sala de aula aí tinha que pegar o jeito de obedecer.

Pesquisador: o senhor saiu da escola cedo não teve oportunidade de estudar, mas naquele período se o senhor tivesse a oportunidade de estudar mais o senhor continuaria?

José: não porque eu sair de gosto mesmo porque Naquele tempo era atrasado demais não tinha emprego, eu tenho primo que ele completou o ginásio que era o ultimo grau de estudo, ai não tinha emprego aí foi trabalhar no começo no comercio do pai dele então assim o nosso interesse como o meu do meu pai mesmo ela trabalha na fazenda para possuir as coisas.

Pesquisador: o projeto UMA aqui ele ajuda o senhor relembrar coisas do passado fortalece a mente do senhor?

José: ajuda sim porque tem hora que agente conversa muito assunto de roça, de fazenda, dos tempos que buscava agua no rio pisava arroz para comer, buscava lenha na roça.

Pesquisador: a Uma aborda esses temas nas aulas?

José: às vezes porque o comentário é curto e tem que seguir a programação das aulas.

Pesquisador: então a UMA ajuda o senhor a relembrar o passado por meio dessa interação social aqui?

José: sim porque ai agente vai conversando e outros escuta e vai conversando também é bom demais.

Pesquisador: o senhor encontra alguma semelhança da UMA e seu período de escola?

José: não, naquele tempo tinha negocio de bate papo nas aulas não era muito diferente, era todo mundo silencio, só respondia oque a professora perguntava, a professora era quem explicava ai chamava um para ir no quadro ai agente falava oque ela mandava oque ela dava permissão, era muito rigoroso.

Pesquisador: a UMA é mais flexível?

José: é muito mais liberal aqui agente conversa.

Pesquisador: o que a UMA significa para o senhor?

José: rapaz é assim antes de vim para cá eu ficava em casa muito sozinho porque sou viúvo, aí minhas duas filhas têm casa no mesmo lote meu, mas quando elas saía para trabalhar eu ficava sozinho na solidão, aí ligava televisão o som mais essas coisas agente abusa, aí eu não tinha para onde ir aí eu ficava na solidão lá, aí não dava depressão porque agente tem muita fé em deus mesmo, porque eu tava sentido muita dor da morte da minha esposa, aí só vim me reativar me animar quando entrei aqui.

Pesquisador: então o senhor antes de vim para cá devido a perda da sua esposa era isolamento total, e o que senhor realmente precisava era de um ambiente como esse aqui?

José: sim, aí aqui me reativou minha vida de novo, aí eu falei para minha filha que mora em Palmeirópolis a Cleri, que eu comecei a viver de novo aqui na UMA.

Pesquisador: além da diversão da interação social a UMA proporciona conhecimentos para o senhor?

José: proporciona sim ensina direitos do idoso, regras de trânsito, inglês, filosofia e muitas coisas, só não aprende quem não quer os professores ensinam direito explica bem e agente aprende.

Pesquisador: hoje como o senhor se sente fazendo parte desse projeto?

José: eu me sinto muito feliz muito alegre, porque estou vivendo de novo aqui.

Pesquisador: o senhor pretende continuar no projeto?

José: pretendo sim aqui me faz bem, vamos fazer outra formatura no ano que vem da quinta turma, e vamos continuar estudando e aprendendo mais, porque aqui você forma mais pode continuar estudando só sai se quiser mesmo.

Pesquisador: o que senhor tem a falar das pessoas que conduzem esse projeto?

José: são pessoas assim muito meiga respeitadora, explica tudo sempre bem direitinho, aí tem o negócio do lanche tem a educação física, tem a dança aí coloca um forrozinho para agente dançar se alegrar.

Pesquisador: e o senhor gosta?

José: rum moço gosto dos forro demais, é tanto que toda sexta vou no centro de convivência, aí tenho minha namorada que arrumei aqui na UMA aí levo ela aí agente se diverte demais.

Pesquisador: agora que o senhor já conhece a uma e faz parte, o senhor já imaginou Araguaína e o senhor sem a UMA?

José: pois é eu já imaginei, mas para mim essa imaginação não dar certo mais não, ficar de novo quieto isolado em casa dar certo não, tenho alguns lugares para ir, mas para mim o mais importante é aqui, que tenho meus colegas, mais conhecidos onde tem pessoas que conversa com agente que dar atenção.

Pesquisador: O senhor hoje é feliz por ter a UMA?

José: sou feliz demais, to revivendo outra vida, melhor coisa que aconteceu para mim.